

# ZERO

FLORIANÓPOLIS, 11 DE NOVEMBRO DE 1991 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - ANO IX, Nº 4



## NOVIDADE

Mais cultura:  
o caderno  
Cult cresceu

Da 22 em diante



Millor Fernandes

## JORNALISMO

Um resumo do  
VI Congresso  
da Felap

Na página 5



Jeff Hoff  
fala do *nanico*  
que ruge

Entrevista na 20 e 21

# O PAPA FOI SITIADO

O presidente da Apufsc faz um balanço de greve e fala da sucessão na reitoria

ESPECIAL



**Melhor  
Peça Gráfica**

**I, II, III e IV  
Set Universitário  
Maio 88  
Setembro 89, 90, 91**

*Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Edição concluída em 11 de novembro de 1991.*

**Arte:** Camille Corot, Frank, Mort Walker, Rogério, Zibermann.

**Colaboração:** Gastão Gassel (edição), José Antonio Silva, Luiz Carlos Bresser Pereira, Paulo Brito (textos), Steve Double, Rogério Reis, S. Viegas, Luizinho Coruja (fotografia).

**Copy-writers:** Jornalistas Professores Gastão Gassel, Gilka Girardello, Luis Scotto, Ricardo Barreto.

**Diagramação:** Adriana Martorano, Angelita Correa, Blue, Fernanda de Medeiros, Nilva Bianco.

**Edição e supervisão:** professor Ricardo Barreto (MTb 2708, RS).

**Edição:** André Gassel, Fabiano Melato, Nilva Bianco, Pedro Saraiva.

**Fotografia:** Christiane Miranda, Deise Freitas, Jacques Mick, Marta Moritz, Mônica Linhares, Pedro Melo, Raquel Costa, Ricardo Jacques, Sara Caprario, Victor Carlson.

**Laboratório fotográfico:** Nelson Correia, Pedro Melo, Victor Carlson.

**Textos:** Adriane Canan, Alexandre Gonçalves, Alice Baggio, Ana Cláudia Menezes, Ana Luiza Coelho, Christiane Miranda, Claudine Nunes, Geraldo Hoffmann, Ivan dos Santos, Jéssica Costi, Josiane Laps, Marcelo Cassettari, Maria Paula Pereira, Nelson Correia, Nelson Lorenz, Ozias Alves Jr., Pedro Santos, Pedro Saraiva, Rafael Masselli, Ricardo Jacques, Romir Rocha, Sara Caprario, Victor Carlson, Vladimir Brandão.

**Montagem e impressão:** ImpreStar.

**Redação:** Curso de Jornalismo (UFSC—CCE—COM) — Trindade, CEP 88045, Florianópolis/SC.

**Telefones:** (0482) 31-9215, 31-9490.

**Telefax:** (0482) 34-4969.

**Distribuição gratuita.**

**Circulação dirigida.**



## Queremos mais

Você tem nas mãos não apenas a terceira edição especial (com 32 páginas) do *Zero*, como o mais regular jornal-laboratório do País e, por isso, um dos poucos jornais independentes e alternativos que restam no Brasil. Dizemos isso não só para registrar que levantamos nosso quarto prêmio consecutivo no único evento que premia laboratórios de comunicação no Brasil, o quarto Set Universitário, mas para lembrar que mais

do que a publicação de futuros jornalista este jornal se ocupa também de lutar pelos destino (e melhoria) da imprensa e da sociedade brasileira. Pluralidade e liberdade, é o que falta em nossa imprensa - local, nacional, continental. Assim, os quase cinquenta alunos que estão por trás destas páginas praticam jornalismo e sua cidadania. Com a verdade, sem covardia ou hipocrisia.

Esta edição é especial não

só pelo número dobrado de páginas, mas pela amplitude de abordagem, pela variedade temática e por duas entrevistas densas dadas para quem vive a universidade e a imprensa. Podemos oferecer 10 página de cultura, o registro da passagem do Papa por Florianópolis e várias

reportagens e fotos. Mais fotos. Prêmios não nos acomodam, mas certamente estimulam nossa busca do novo.

## Estudantes de comunicação querem a volta do estágio

O XV Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação Social aconteceu de 07 a 13 de julho em Curitiba. O encontro foi o maior da história, e reuniu aproximadamente mil estudantes de comunicação de todo o país. O tema do XV Enecom foi "Comunicação e Multidisciplinaridade".

O encontro teve uma programação intensa, oficial e não oficial. No início de cada noite havia palestras e debates, que tiveram a participação de poucos estudantes. No entanto, as agitações das noites aconteceram nos bares, nas festas, nos alojamentos e nas ruas da fria cidade de Curitiba. Durante as manhãs haviam as oficinas, que apesar de iniciarem cedo tinham uma boa participação. Nas tardes quase todos sumiam, era o período de grupos de discussão, onde se analisava o movimento estudantil, a conjuntura do país e o meio profissional.

As resoluções foram tomadas na plenária final no dia 13 de julho. Uma das bandeiras básicas levantadas foi uma ampla, geral e irrestrita Campanha pela Qualidade do Ensino de Comunicação Social, que envolva, além dos estu-

dantes, os professores, funcionários, comunicadores profissionais, sindicatos, empresas e organizações da sociedade. Uma outra bandeira é a luta pela socialização da informação, pela democratização dos meios de comunicação, e pela pluralidade de vozes na sociedade. Ainda foi deliberada pelo XV Enecom a regulamentação do estágio para os estudantes de comunicação social no meio profissional. Para isso seria necessário formar uma Comissão de Integração Universidade-Meio Profissional em cada estado, com a participação de alunos, professores e profissionais comunicadores. A regulamentação do estágio será discutida com sindicatos, associações e federações de profissionais, mas implementada nas instâncias e fóruns de cada região.

O nome da entidade nacional foi mudado. Agora se chama Enecom, Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social. O encontro terminou com a eleição da chapa "Ousar é Preciso", que tem o estudante da USP, Chico Ruiloba, como secretário geral. A UFSC participa da Executiva com o estudante Ricardo

Jacques, na secretaria Regional Sul, que tem ainda o estudante Leandro de Freitas, da Famecos, de Porto Alegre.

**Corecom-Sul** — Vinte dias após o XV Enecom, dias 3 e 4 de agosto, o Centro Acadêmico Livre de Jornalismo "Adelmo Genro Filho" e a Enecom organizaram o Conselho Regional de Entidades de Comunicação ampliado, em Florianópolis. O encontro aconteceu na sede da Associação dos Funcionários da Caixa Econômica Federal, em Jurerê, reunindo 46 estudantes dos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Das 15 faculdades de comunicação da região sul participaram nove. A principal resolução do encontro foi a formação de cinco grupos de trabalho (GT Administrativo, GT de Comunicação Social, GT de Ensino, Pesquisa e Extensão, GT de Meio Profissional, e GT de Integração Latina-americana), que encaminharão as atividades junto com a Secretaria Regional Sul da Enecom. Cada GT tem seis estudantes, dois de cada estado da Região Sul.

**Ricardo Jacques**



## Comcap não cumpre projeto e desvia Cr\$ 300 milhões

A Companhia de Melhoramentos da Capital (Comcap) utilizou artimanha mal-intencionada para desviar Cr\$ 300 milhões que deveriam ser aplicados em um projeto popular. No ano passado, apresentou um projeto de financiamento junto ao BNDES para a viabilização de um programa chamado *Mercado Popular*, que pretendia alocar recursos para a produção e venda de produtos hortigranjeiros a preços populares.

O dinheiro, repassado a título de fundo perdido, foi inteiramente desviado. Logo após o repasse da verba, a Comcap abandonou o projeto alegando que não era sua especialidade produzir e vender esses produtos. O BNDES está esperando até hoje a prestação de contas de onde foi parar tanto dinheiro.

A marmelada aconteceu na administração de Odilon Furtado Filho. Ele costuma pagar Cr\$ 2,1 milhões por dia a uma empresa privada (a Formaco-Decorama), para transportar o lixo coletado pelos caminhões públicos até um aterro sanitário em Paulo Lopes — enquanto uma usina de reciclagem e compostagem de lixo construída em São José, a um custo de 500 mil dólares, está apodrecendo por falta de uso.

## Cine Ritz cobra inteira e passa metade do filme

Se a sua única opção noturna for ir ao cinema, considere-se perdido ou contente-se com as pipocas. Além de pagar inteira, sentar mal e passar calor, o filme pode vir pela metade. Pelos menos foi o que aconteceu com *Higglander II*, na sessão da noite de 29 de outubro, no Ritz. O cinema poderia ser mais honesto. Exibido com exatos 70 minutos de projeção, o filme poderia se chamar *Smallander*.

Os cinéfilos que se cuidem. Depois dessa e do fechamento do cine Cecomtur, o empresário Mário Santos parece que quer acabar de vez com a cultura cinematográfica na capital.

**Elliot Ness**

Luiz Bresser Pereira

# O PRETENSIOSO MESTRADO SUBDESENVOLVIDO

O mestrado subdesenvolvido é o mestrado com ares ou pretensão a doutorado. É o mestrado brasileiro. A pós-graduação no Brasil enfrenta graves problemas, todos relacionados com uma concepção equivocada do que seja um curso de mestrado. Primeiro problema: o tempo para conclusão do doutorado é no Brasil em geral mais do que o dobro do que nos Estados Unidos. Forma-se um doutor nos EUA em cinco anos, enquanto que no Brasil dez anos é um bom tempo. Quando o candidato consegue seu título, seu período mais produtivo para pesquisas já passou. Segundo: o número de candidatos que abandonam os programas de mestrado é muito grande. A pós-graduação no Brasil é uma história de insucessos pessoais. Em 1989 e 1990 havia, respectivamente, 38.200 e 41.400 inscritos em cursos de mestrado e doutorado. Em 1990, apenas 5.800 obtiveram títulos. Terceiro: os cursos de pós-graduação não formam profissionais de maneira eficiente. Os cursos de especialização, que teriam esta finalidade, não conseguem se afirmar no país.

Embora possamos encontrar outras causas para esses problemas, sua causa fundamental é uma definição estreita do que seja o mestrado. A Capes, o Conselho Federal de Educação e a comunidade acadêmica em geral entendem que o mestrado é um curso destinado a formar professores universitários e pesquisadores, devendo, por isso, incluir a redação de uma dissertação. Adicionalmente, o mestrado é geralmente visto como uma etapa do doutorado. A formação de profissionais caberia aos cursos de graduação, e, em nível de pós-graduação, aos cursos de especialização.

O parecer 977/65 do Conselho Federal de Educação, que regulamentou originalmente a pós-graduação no Brasil, distingue claramente dissertação de mestrado de tese de doutorado. Mas no Brasil nenhum aluno de mestrado está escrevendo uma dissertação, ele afirma estar sempre trabalhando em sua "tese". Por outro, esse parecer não exige o título de mestre para o candidato poder inscrever-se no doutorado. Mas, na prática, apenas alguns departamentos da USP aceitam candidatos diretamente para o doutorado. Não é por acaso que isto ocorra precisamente na mais impor-

tante universidade brasileira.

Os cursos de mestrado foram uma importação cultural dos Estados Unidos. Uma boa importação, porque realmente era necessário desenvolver os cursos regulares de pós-graduação no Brasil. Mas a importação foi mal feita. O transplante cultural foi realizado de forma subdesenvolvida, no momento em que se exigiu uma dissertação de todos os candidatos a mestre e se imaginou que os mestrados eram cursos essencialmente acadêmicos, que levariam, finalmente, ao doutorado. Nos Estados Unidos os mestrados são primordialmente cursos profissionais e, em consequência, cursos finais, não cursos-etapa. A formação de professores e pesquisadores nos Estados Unidos é realizada nos cursos de doutoramento, não de mestrado.

Em certos casos, especialmente nas ciências exatas, um mestrado acadêmico pode funcionar como uma etapa, mas isto é cada vez mais raro. Na maioria dos casos o candidato inscreve-se diretamente no doutorado. Mestrado acadêmico só existe em universidades de segunda e terceira categoria.

Na área de economia, por exemplo, nenhuma grande universidade americana possui mestrado. O pressuposto é o de que os economistas são cientistas. Não há ou não deve haver economistas "práticos" ou profissionais no sentido que estamos utilizando aqui esta palavra. Logo formam-se economistas no doutorado. É impossível inscrever-se em um curso de mestrado em economia em Harvard, no MIT, em Chicago, em Berkeley. Só em universi-

dades de segunda linha, para alunos também de nível mais baixo. Em certos casos é possível obter o título de mestre como prêmio de consolação, quando o candidato não conseguiu escrever a tese.

Sem dúvida, as grandes universidades nos Estados Unidos possuem mestrados em administração de empresas, em engenharia, em relações internacionais, em direito internacional. Mas são cursos profissionalizantes, não exigindo dissertação, e são cursos finais, não um caminho para o doutoramento. O candidato formando nesses cursos vai trabalhar como um profissional nas empresas ou no governo, não vai ser professor universitário ou pesquisador. Os cursos podem ser de alto nível. Muitos são de altíssimo nível e de grande

prestígio. Não são, entretanto, cursos acadêmicos.

Em síntese, para encurtar a duração dos cursos de doutorado, para diminuir a evasão dos mestrados, e para dar a pós-graduação um papel maior na formação de profissionais de alto nível, seria necessário, além de um amplo debate, que reveja a concepção de mestrado vigente no país, admitir o reconhecimento de mestrados profissionais, onde não se exige dissertação. Reconhecimento para fins profissionais, não para fins acadêmicos, naturalmente. Isto permitiria que as universidades criassem cursos de mestrado profissionais.

Mas por que, em vez disso, não desenvolver os cursos de especialização. Conforme observou o reitor da USP, professor Roberto Leal Lobo Silva, há um preconceito contra esses cursos. Não há suficiente procura para esse tipo de curso, sempre visto de forma depreciativa dentro das próprias universidades. Já um curso que dê o título de mestre torna-se muito mais atrativo. E levará as universidades, internamente, a dar-lhes mais valor.

Em segundo lugar, é necessário reconhecer mais amplamente que é possível e desejável formar doutores mais cedo, sem a obrigação de, antes, passarem por um mestrado. Para isso não são necessárias decisões formais. Basta mudar a maneira de pensar sobre o assunto. A Capes e o CNPq, entretanto, terão que estar dispostos a conceder bolsas de doutorado no Brasil ou no exterior a quem não tem-nem pretende ter-título de mestre. Esse título não exigido nem reconhecido pelas universidades americanas, mas hoje é uma condição para a obtenção de bolsas nas instituições brasileiras que administram bolsas de estudo.

Para quem imagina que um título de mestre é academicamente muita coisa, as idéias que acabo de expor podem parecer estranhas. Na verdade são estranhas em função de nosso subdesenvolvimento. A partir dele desprezamos os cursos profissionais e nos concentramos em formar mestres para desempenhar funções acadêmicas ou científicas, quando para isto precisamos de doutores. Doutores melhores, em maior número e mais cedo.

Luiz Carlos Bresser Pereira, 36 empresário, e professor titular da Fundação Getúlio Vargas (SP) e editor da Revista de Economia Política. Foi ministro da Fazenda no governo Sarney.



**“Forma-se um doutor  
nos EUA em cinco anos.  
Aqui, dez anos é um bom tempo”**

## DC investe em cursos para melhorar textos

Saber ver, saber escutar, saber expressar. Escrever pensando no leitor. Com esse objetivo, o Diário Catarinense promoveu dia 2 de outubro, no hotel Baía Norte, a palestra *Algumas sugestões para melhorar a qualidade da redação dos jornais impressos*. Mais de trinta redatores acompanharam atentos o professor José Francisco Sánchez da Universidade de Navarra (Espanha). Sánchez abriu a palestra com a história do jornalismo norte-americano.

Com o *new journalism* dos anos 60, inicia uma renovação no texto impresso para cativar os leitores. Nos anos 80, os redatores americanos voltam a enfrentar um novo desafio. Com uma sociedade predominantemente visual, havia a necessidade de recuperar os leitores, principalmente os mais jovens, atraídos pela televisão. Para isso, os fatos deveriam ser retratados com agilidade, elegância e muita criatividade.

**Iniciativa** — De acordo com Sánchez, a preocupação com a boa escrita é permanente nas faculdades de Comunicação e principalmente nos jornais que disputam o mercado com outros meios de comunicação. Sánchez, que é diretor da revista *Nuestro Tiempo* diz que as empresas jornalísticas estão tomando iniciativas em vários projetos como os cursos internos, prêmios jornalísticos para artigos de boa qualidade e criação de bibliotecas de livros básicos nas redações. Na opinião do professor, para o leitor não interessa o que fazem os jornalistas ou como fazem. O que querem é informação, que não podem conseguir através da televisão, do rádio e das revistas. Em outras palavras, querem *good writing*, boa escrita, boa redação.

Lembra ainda o professor que a relação de trabalho é fundamental, ensinar não significa corrigir. O redator-chefe deve promover freqüentes reuniões de avaliação com toda a equipe de redação. Quando houver necessidade criticar, mas em lugar privado. Mantendo conversações pessoais, destacando o que está ruim e onde o redator falhou.

Para o professor, vale a pena assumir o risco da liberdade. É o que se pretende com a busca de novas fórmulas mais criativas, que dão maior liberdade ao jornalista. Se você não é nenhum gênio, e quer ser um bom redator, aí vão alguns conselhos do professor: ver o mundo como laboratório jornalístico; encontrar em tudo algo sobre o que escrever. Escrever sobre o que se sabe. Recorrer a informações verdadeiras; ser mais repórter que escritor. Escrever pensando no leitor. Ler, ler, ler... Escrever, escrever, escrever...

Marcelo Cassetari



Frank Zero

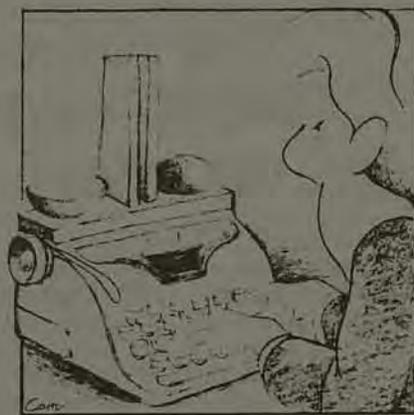
# Nova Lei de Imprensa cria polêmica no Senado

Projeto propõe, entre outros, anistia e fim da pena de prisão

A atual Lei de Imprensa, escrita no governo de Castello Branco, em 1967, pode ser finalmente modificada. O Senado Federal está discutindo um substitutivo baseado numa condensação dos projetos apresentados pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e Associação Nacional dos Jornais (ANJ). Este substitutivo tem como relator o senador José Fogaça (PMDB-RS), além de propostas de outras entidades como a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

Uma das modificações mais polêmicas pode ser a anistia a todos os jornalistas processados ou condenados com base na atual Lei de Imprensa. Outro ponto polêmico é o fim da pena de prisão para os acusados de calúnia, injúria ou difamação. Neste caso a detenção é substituída por multa, prestação de serviços à comunidade ou a suspensão do trabalho. "Estas duas propostas são as que têm sofrido maior resistência por parte dos parlamentares", diz Almiro Pena, assessor de imprensa do senador José Fogaça.

Celso Vicenzi, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, também considera o assunto polêmico. "É muito difícil fazer uma reavaliação dos casos para ver quem foi condenado por motivo justo ou por perseguição política". Já o jornalista Moacir Pereira diz que este é um precedente muito perigoso e questionável. "Os criminosos serão anistiados,



A Lei de Imprensa é específica para julgar somente os delitos da imprensa. Estão incluídos ainda no substitutivo a exaustão do direito de resposta e a admissão da prova da verdade contra o Presidente da República, do Senado ou da Câmara, chefes de Estado estrangeiros ou seus embaixadores no país. Pelo texto atual não se pode provar uma denúncia contra essas autoridades. Assim a Folha de São Paulo ficou impossibilitada de denunciar o Presidente da República "O que eles querem mesmo com esse substitutivo é anistiar Collor", denuncia Moacir Pereira.

**Responsabilidade** - "As leis só são boas quando produzidas em conjunto com os profissionais de cada categoria afetada por elas", afirma o professor da PUC paulista, Golffredo da

Silva Telles. Por isso o projeto da Fenaj propõe mudanças mais profundas. Em sua proposta um mesmo grupo não pode controlar em um estado, mais de um veículo de comunicação, como jornal, televisão ou rádio. Outra inovação prevê que o profissional seja transferido pelo Ministério do Trabalho para o Sindicato dos Jornalistas. O projeto prevê, ainda, um Conselho de Redação. Este Conselho seria formado por jornalistas com o objetivo de se discutir o conteúdo e o enfoque dos textos antes da publicação. Além de pronunciar-se sobre todas as atividades relacionadas ao jornalismo.

Outro tema levantado pela Fenaj - e que discorda da proposta da OAB -, é a responsabilidade da publicação. "A empresa deve ser responsável, já que é ela quem autoriza as publicações", afirma Vicenzi.

Essa preocupação com a opinião pública exige mais do que responsabilidade pela publicação. "Tem que se lutar contra os monopólios e oligopólios nos meios de comunicação", explicou Francisco Karam, professor do curso de Jornalismo da UFSC. Ele acrescenta que deve haver diversificação das fontes, mas todas essas mudanças não se conseguem apenas com uma Lei de Imprensa. "É preciso uma mobilização de toda a sociedade e de entidades civis. Isto sim".

Claudine Nunes

## Censura volta implacável no governo Menem

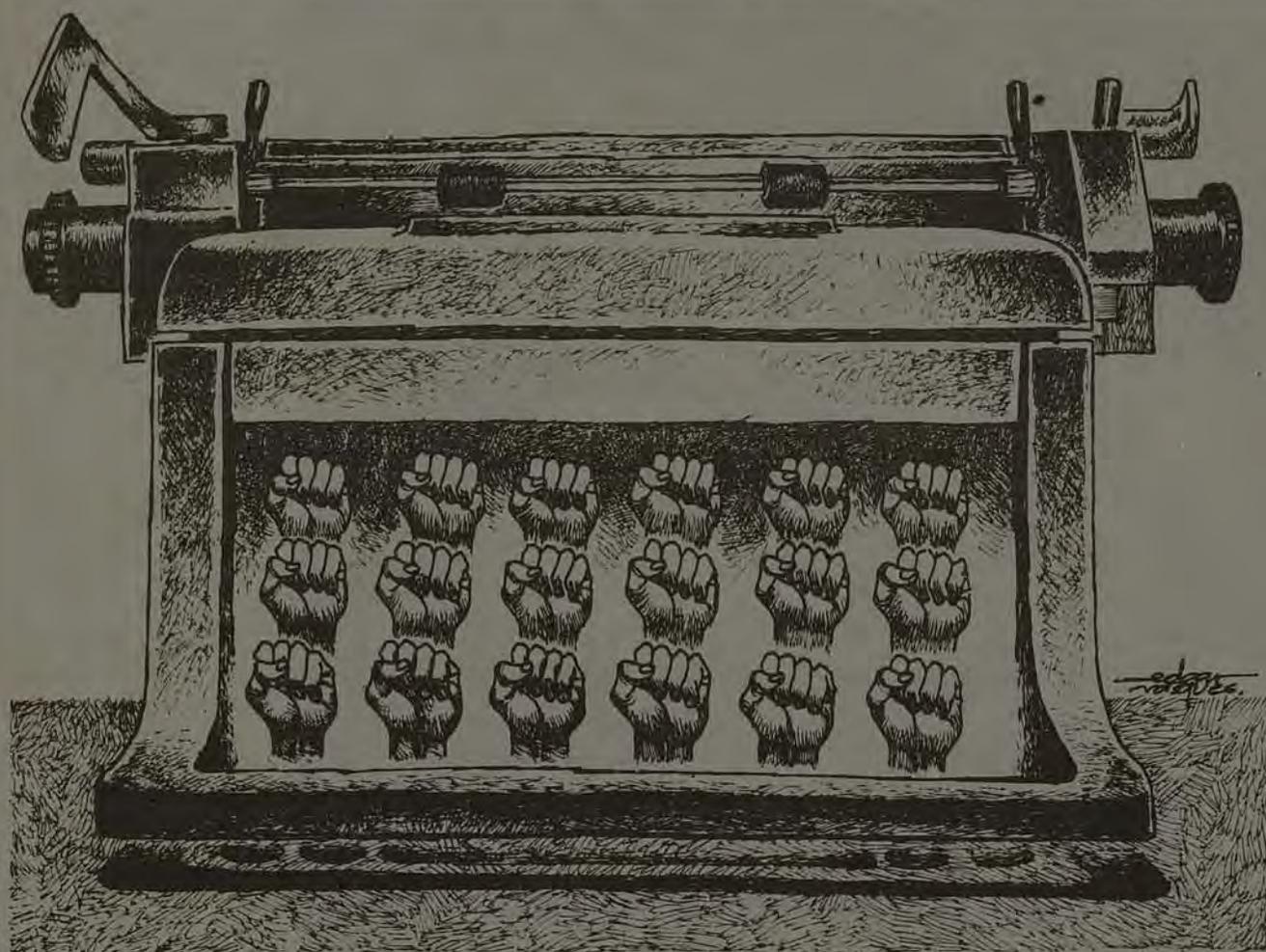
Um sutil mas implacável processo de censura e perseguição a jornalistas e personalidades dos meios de comunicação, com uma postura independente, vem sendo deflagrado pelo governo de Carlos Menem, na Argentina. A denúncia foi feita, dia 21 de outubro, durante o primeiro dia do IV Congresso Internacional da Felap (Federação Latino Americana de Periodistas) encerrou dia 25 de outubro, no hotel Continental de Canela, na serra gaúcha. A jornalista Claudia Quiñones, da delegação argentina, informou que o tema foi objeto de reflexão, denúncia e proposta durante um encontro realizado em junho deste ano, durante dois dias, em Buenos Aires.

"A repressão à liberdade de imprensa e opinião, na Argentina, está diluída em vários acontecimentos isolados, mas que vêm se sucedendo e marcam uma evidente tentativa do governo de silenciar as vozes discordantes do seu modelo político", afirmou Claudia Quiñones, um dos representantes da União de Trabalhadores em Imprensa de Buenos Aires (Utpba) enviadas ao VI Congresso da Felap. "Para atingir seus objetivos, o governo Menem vem utilizando os meios mais variados, desde a violência policial declarada ou clandestina, até a utilização de jornalistas ligados aos serviços de informação da época ditatorial. Estes profissionais, a maioria expulsa das entidades de classe, está organizando uma associação, financiada pelo governo, na tentativa de dividir a categoria, mas sem muito sucesso neste aspecto".

A violência, na verdade, não se limita aos jornalistas profissionais. Em maio deste ano, o cineasta Fernando Solanas (diretor do filme *Sur, Tangos — Exílio de Gardel*) recebeu quatro tiros nas pernas, e ainda está em fase de recuperação, após ter feito uma série de denúncias de corrupção no processo de privatização de empresas governamentais. O fotógrafo Carlos Brigo foi brutalmente espancado por policiais montados quando cobria uma operação "arrastão" nas ruas de Buenos Aires, e precisou ser hospitalizado. O fato gerou muita indignação e protesto entre os profissionais da imprensa e outros setores da sociedade argentina.

Um terceiro exemplo, este mais evidente da censura que vem crescendo no panorama da imprensa da Argentina, remete a uma conhecida apresentadora de TV e comentarista política de Buenos Aires, Liliana Lopes Foresi. "Em seu programa de entrevistas no Canal 13 (ligado ao grupo do jornal Clarín) ela vinha fazendo uma série de denúncias sobre negociatas envolvendo o governo de Carlos Menem, o que terminou criando uma guerra de notícias e desmentidos com os porta-vozes do governo nos canais oficiais de televisão", informa Claudia. "A situação chegou a tal ponto que Carlos Menem fechou um acordo com a proprietária do Clarín, Ernestina De Noble. Hoje, Liliana Foresi apresenta um programa meramente informativo, não pode mais fazer comentários nem entrevistas num claro processo de censura, unindo grandes empresários da comunicação e o próprio governo federal", conclui a jornalista.

**José Antonio Silva**



Edgar Vasques

# Ivan Canelas preside Felap com novo estatuto

Caracterizando uma renovação e dinamização na diretoria da entidade, a partir de mudanças em seus estatutos, foi eleito na quinta-feira o boliviano Ivan Canelas de 36 anos, o novo presidente da Federação Latino-Americana de Jornalistas (Felap), no encerramento de seu VI Congresso, em Canela, que reuniu representantes de 19 países. Sua escolha, na verdade, marca uma mudança de rumos na organização que até então, na prática, era conduzida pelo todo poderoso Luiz Suarez, do México, que continua no cargo de secretário-geral. Mas a partir de agora a presidência da entidade, posto

para o qual vai Ivan Canelas, deixa de ser meramente decorativa e ganha real poder decisório, acima do secretário-geral.

Além disso, a Felap passa a ter um comitê executivo formado por nove membros, ao qual tanto o presidente quanto o secretário geral da entidade precisam prestar contas. O argentino Juan Carlos Camaño, representante da União de Trabalhadores de Imprensa de Buenos Aires, que pretendia disputar com Ivan Canelas a presidência da organização dos jornalistas latino-americanos, terminou sendo escolhido para a também influente primeira vice-pre-

sidência da Felap.

"As mudanças da Felap já começaram a partir da reforma dos estatutos", entende o novo presidente. Ele acredita que os princípios enumerados como a pluralidade, a defesa da liberdade de expressão e contra qualquer tipo de censura, a luta pela democratização dos meios de comunicação, a valorização da atividade sindical para a melhoria das condições de trabalho e de vida — vão exigir um maior compromisso social de todos os jornalistas da América Latina. A entidade reúne hoje 80 mil profissionais da imprensa de 23 países do continente.

## Brasileiro propõe legislação internacional

A delegação brasileira ao VI Congresso da Felap, em Canela, apresentou ontem três propostas principais, envolvendo jornalistas e até empresas de comunicação de toda a América Latina. Antônio Coutinho, secretário geral da Comissão Nacional de Repórteres-Fotográficos propôs a criação de uma Comissão Latino-Americana de Repórteres-Fotográficos, filiada à Felap. Paulo Sérgio Sales e o jornalista Rogério Medeiros, de Vitória, propuseram a criação de um Núcleo de Ecologia dentro da Federação Latino-Americana de Jornalistas. E o presidente da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), Luiz Carlos Bernardes, apresentou uma ampla tese sobre a *Globalização dos Meios*

de Comunicação, que exige a criação de um código de ética para jornalistas e empresários da área e até pela criação de uma lei de imprensa de caráter internacional.

Bernardes apontou para a continentalização e mundialização dos meios de comunicação, agora mais incentivada pelo novo formato das revelações internacionais, em três megablocos: Estados Unidos, Canadá e México; Europa Unificada; Japão e tigres asiáticos. E argumentou: "Do mesmo modo que há direito internacional público e o direito internacional privado, deva haver uma legislação internacional para os meios de comunicação, incluindo, por exemplo, uma lei de im-

pressão e um código de ética para os meios de comunicação, ou seja, para as empresas e para os profissionais".

Para isso, como lembrou, "é fundamental que busquemos a participação nestas discussões, de organismos como a ONU, OEA e quem sabe do Parlamento Latino-Americano". O presidente da Fenaj recordou que "o Mercosul é outro fator a exigir velocidade cada vez maior nestes processos". Bernardes propôs também que a Felap estude a curto prazo, a criação de uma Agência de Notícias Latino-Americana e do Caribe. "Também não podemos descartar a hipótese de termos um rádio e mesmo um canal de televisão para a região", finalizou.



Rogério Reis/NG

# DIÁRIO DE UM TRAVESTI

Rogério teve sua primeira relação sexual com um colega aos sete anos de idade, e foi pego em flagrante por sua mãe. Rose, seu nome mulher, conta que quando seus pais descobriram, lhe deram uma surra. Aos dezesseis anos, foi para as ruas ganhar a vida e hoje com vinte e sete anos ela quer encontrar alguém que a tire dessa.

Rose gosta de ser mulher, mas não gostaria de mudar de sexo. "Gosto de penetrar também. O travesti é afeminado, mas isso não quer dizer que ele é apenas comido". Ela, ou ele, explica que existe o homossexual mais afeminado e o mais macho, mas na cama nem sempre o travesti faz só o papel da mulher. Rose conta que uma vez estava caminhando com um parceiro na rua quando um grupo de rapazes passou por eles gozando e falando: "Daqui a pouco você vai ser comida". Quando estava no motel transando, ela lembrou do que havia acontecido e começou a rir, porque o que aconteceu foi exatamente o contrário. Ela havia "comido" o cara.

Rose não gostaria de pôr um filho no mundo de hoje. "Esse mundo está muito louco. E se eu tivesse um filho travesti, não aceitaria. Não gostaria que ele fosse homossexual, pois se sofre muito sendo um. Mesmo que se queira sair das ruas, não se consegue. Há muito preconceito. Ninguém quer dar emprego para um travesti".

Seu ponto habitual é na Ivo Silveira. Mas quando não está nas ruas, tenta se virar como pode: costurando ou fazendo um bico como cabelereira. Na noite, chega a conseguir até duas transas. "Com cinco a oito transas já dá para garantir dois dias em casa comendo legal". Ela prefere fazer ponto sozinha para evitar confusão. "As outras travestis são muito falsas".

Ela quer unir-se a alguém que a ame, mas não agora, diz não ter sorte. Rose quer encontrar o amor, mas para ela o sexo é mais importante. Ter tantos parceiros significa buscar uma pessoa diferente em relação ao sexo. Agora ela só transa com camisinha, e acha muito importante ter consciência disso, pois já pegou muitas doenças venéreas, como sífilis e gonorréia. "Não vale a pena correr o risco". Entretanto, disse já ter até transado com um parceiro que tinha AIDS, pois ele omitiu o fato.

Rose só transou com mulheres quando era mais nova, mas não gosta, prefere homens. Admite porém a possibilidade de um dia vir a se apaixonar por uma mulher. "Nunca briguei com mona (travesti) ou com amapô (mulher) por causa de homem", diz. Em relação às mulheres ela diz que jamais um travesti poderia competir com uma. "Se um homem vivesse com uma mulher e estivesse de baco (transa) com um travesti, se tivesse que escolher, ficaria com a mulher".

"Já tentei o suicídio várias vezes, mas sempre fui socorrida a tempo. Todas as vezes que tentei isso, estava sob o efeito de drogas. De cara não teria coragem". A droga está sempre presente em sua vida: "É muito difícil resistir". Muitas vezes ela aparece até na hora da transa. Mas não gosta de usar. "A cocaína por exemplo, tira todo o prazer do sexo".

Rose tem esperança de dias melhores, um mundo melhor, onde haverá mais respeito pelas pessoas. Ela quer se realizar como travesti e como pessoa. E quer ver sua família sempre bem, pois sua família é uma das coisas mais importantes de sua vida.

**Cristiane Miranda**

A fachada da casa, pintada de preto, não causa uma boa impressão à luz do dia. Mas à noite, quando o neon onde se lê *Gruta Dourada* acende, o lugar adquire vida própria. Localizada na Conselheiro Mafra, e inaugurada em fevereiro deste ano, a uisqueria vem ganhando fama junto ao público, principalmente entre os de maior poder aquisitivo. Por trás da fachada em neon, a atividade desenvolvida não tem nada de novidade. Alguns diriam, sem preocupação com a originalidade, que se trata da profissão "mais antiga do mundo".

Luiz Carlos Gauze, gerente e diretor artístico, acredita que uma das razões do sucesso da casa é o fato de ela ser dirigida a um público mais selecionado, não sendo permitida a entrada de "qualquer um". "Aqui só tem cliente bom, de advogado prá cima", diz Gauze. Entretanto, os critérios para a seleção do público são bastante subjetivos. "A gente vê pela cara", informa o gerente sem rodeios. A preferência é pelos mais velhos, porque geralmente gastam mais e têm um temperamento mais calmo. "Guri de tênis e menina mal vestida não entram. Bicha, nem pintado de ouro!" E assegura confiante. "Não tem carteiraço, nem para a polícia".

**Sombra erótica** - Diante de todo esse rigor na seleção do público, o mínimo que se pode esperar é qualidade na programação. A casa apresenta três tipos de espetáculos: "strip-tease", "sombas eróticas" e "show erótico". Os "strips" acontecem cinco a seis vezes por noite, e são feitos por profissionais da área. Por enquanto, só mulheres fazem esse tipo de espetáculo, mas não está descartada a hipótese de, no futuro, haver também "strips" masculinos em horários especiais. As "sombas eróticas", que são shows semelhantes aos "strip-teases" só que por trás de uma cortina transparente, também acontecem diariamente. Já o "show erótico", um eufemismo para espetáculo de sexo ao vivo, só é apresentado uma vez por semana.

O cuidado na decoração também é motivo de orgulho para a direção da casa, embora o ambiente, pelo menos à luz do dia, pareça um tanto sóbrio. O predomínio do preto e a decoração do teto em dourado garantem um certo ar vampiresco ao local. Nas paredes, as luminárias em forma de tocha e com uma lâmpada vermelha na ponta, têm um aspecto irremediavelmente fático. No teto, muitas lâmpadas coloridas fazendo jogos de luzes. E, é claro, o palco, parecendo meio obsoleto nesse horário fora do expediente.

Sócio da boate *Harém* em Porto Alegre, Gauze conta que já está no ramo há muito tempo. A decisão de abrir a *Gruta Dourada* em Florianópolis partiu da ideia de aproveitar a temporada e os turistas do verão. "O campo aqui é bom", garante o gerente, revelando que a *Harém* não chega a ter a metade do faturamento de sua co-irma catarinense. Mesino assim, para os colegas em Porto Alegre ele diz que vai indo mal, "prá não estimular a concorrência".

Mas a que se deve todo esse movimento? Para Gauze, uma das razões, e talvez a mais importante, é o fato de que "todo homem precisa trair para continuar com a mulher, senão ele enjoa e separa rapidinho". Assim, esse tipo de estabelecimento seria quase um serviço essencial dentro da comunidade, uma vez que serve como uma forma de manter o equilíbrio conjugal da população. "Sei disso por experiência própria", acrescenta Gauze, cuja irmã trabalha no local como dançarina de "strip-tease".

**Segurança** - Outro ponto de honra para a casa é a segurança de seus clientes. Antecipando-se ao código do consumidor, o estabelecimento proporciona um tipo de seguro: se o cliente apresentar qualquer problema de saúde após um contato com

# Sexo e neon movimentam a Conselheiro

*Uisqueria comprova que a fórmula dá certo*



Mônica Linhares Zoro

LÁ dentro, 'espetáculos' de strip-tease, sombras eróticas e sexo ao vivo

alguma moça da casa, o tratamento será pago pela administração. "Mas até agora não houve nenhum problema desse tipo", salienta Gauze, lembrando que as garotas fazem exames médicos quinzenalmente". Em relação à AIDS ele não se mostra preocupado, porque, apesar de não ser exigido o uso de preservativos, "as meninas sabem o que fazem".

Para garantir a qualidade dos serviços, a casa mantém vários funcionários. Além do gerente, há três garçons, maitre, porteiro, copeiro, discotecário e o diretor ar-

tístico, que é o responsável pela qualidade dos shows e pela seleção das garotas. Essa função está sendo acumulada pelo gerente, porque, segundo ele, "exige experiência, e isso é o que não me falta". O número de moças que trabalham na casa é variável, já que há um intercâmbio com a matriz em Porto Alegre. Como a maioria vem de lá, o estabelecimento mantém uma casa em São José e um apartamento em Coqueiros para alojá-las.

## Cenouras, velas e vestidos: na noite dá de tudo

"Não procuro outro emprego porque, uma balconista ganha por mês, o que eu ganho por hora rodada." A afirmação é de Ana Lúcia, 22 anos, divorciada e três filhos. Pequena, olhos verdes, com um sorriso meigo onde faltam alguns dentes é uma das últimas filhas entre os dez irmãos. Engravidou com 16 anos e veio do interior para morar na capital. Hoje, Ana Lúcia trabalha na boite *Gruta Dourada*, porém já trabalhou em outras casas do gênero nos sete anos que reside em Florianópolis. Ana, ao contrário das suas colegas de trabalho não faz "strip" porque "não leva jeito". Afirma que por sempre ter usado preservativo "nunca peguei nada na noite."

Gina, 30 anos. Morava em Porto Alegre: "Comecei a frequentar a *Gruta Azul* em Porto Alegre, para ter dinheiro e comprar as coisas prá mim. Até hoje já transei com mais de oito mil homens" afirma. Gina diz não fazer programas com adolescentes, porque demoram para gozar e nem sempre frequentam esses lugares para transar. Os mais velhos pagam bem e gozam rápido. "Eu ganhei uma casa de um conde alemão, que me banca até hoje. Meu pai me botou prá fora e diz que a casa é dele." Em fevereiro o irmão abriu a boite *Gruta Dourada* e ela e seu marido vieram trabalhar em Florianópolis. Já trabalhou no Rio e em Minas por um tempo, fazendo "shows de strip" e programas. Faz shows diários no *Gruta Dourada*, mas explica que "só faço shows bêbada".

Para as prostitutas existe uma regra básica incontestável: beijo na boca só com namorado. Ninguém beija freguês na boca. "É considerado ato repugnante", observa Gina. "Assim", explica, "você pode ter namorado e casar sem traí-los. Quer dizer, você só trai o namorado se beijar na boca ou se tiver prazer com o freguês. As vezes acontece, mas é acidente de trabalho. Coincide de as fantasias sexuais dele entrarem em sintonia com as tuas e aí acontece. E é bom prá saúde só isso "diz". Tenho cinco coroas legais aqui, mais um ano e eu saio da noite". Na porta da *Gruta Dourada*, o sol reflete no rosto de Gina e revela os cílios com o rimel duro e borrado da noite anterior. Apontando para o próprio peito, desafia e assegura: "Eu vendo daqui prá baixo, não vendo minha cabeça nem meu coração. Os homens vêm prá cá, prá fazer o que não têm coragem de fazer com suas mulheres. Tem muito homem lindo que gosta de cenoura, vela e se veste de mulher. Na noite dá de tudo."

Jéssica Costi

Alice Baggio

Para uns eles não passam de vagabundos e para outros são gente exótica e interessante. São os ciganos, 15 milhões de pessoas que vagam pelo mundo, descendentes dos nômades saídos da Índia há dez séculos. O Brasil reúne 100 mil deles. A maioria não vive mais nas estradas, mas há famílias que ainda conservam a tradição. Há poucas semanas, na Grande Florianópolis, duas tribos dessa gente levantaram suas tséras (tendas) e prosseguiram em sua viagem sem fim.

Os ciganos **calom** liderados por Geraldo Caetano, 47 anos, ficaram acampados por vários meses num terreno baldio em Barreiros, São José. Eles são uma das poucas tribos desse grupo que ainda conservam a vida nômade.

Os **calons** são os descendentes dos ciganos que migraram para o Brasil nos séculos XVI e XVII, fugidos da inquisição portuguesa. O primeiro chegou ao país em 1574. A palavra **calom** deriva de **Kali**, uma deusa hindu. O nome também significa "negro", provavelmente fazendo alusão à raça indiana.

O grupo liderado por Geraldo Caetano reúne duas famílias. São nove pessoas ao todo, dividindo três pequenas barracas de lona, estofadas com papelão. Eles vendem colchas e bugigangas. Os homens também fazem serviços esporádicos na construção civil. Mas a renda quase nunca é suficiente. E por isso que a anciã e as crianças do grupo são encarregadas de arranjar dinheiro pedindo esmolas nas ruas.

Os **calons** não conservam quase nada da tradição cultural. Além de já não usarem os trajes típicos, eles se misturam com outras raças. E isso se reflete na linguagem deles. Os seus antepassados falavam **caló**, um dos três idiomas ciganos. Hoje falam caipira misturado com **caló** e palavras de origem indígena. Um exemplo desse linguajar é o empregado pelos ciganos acampados em Barreiros. Arroz para eles é **corrumpiche** e cachorro chamam por **jukeel**. **Seumo naca** quer dizer "não sei" e a expressão **num dar origem** significa "não trabalhar".

**Analfabeto Lê Mão** - Um outro tipo de ciganos encontrado no Brasil são os **extra-ibéricos**. Eles, que são provenientes da Espanha e Europa Oriental, chegaram na América do Sul nos séculos XIX e XX. A maioria é do grupo **Rom** dividido em três subgrupos, que falam o **romani**.

Em junho e julho desse ano uma tribo **rom** estava acampada próxima ao Shopping Center Itaguá. Eram os **lovaras**. Esses ciganos vieram da Iugoslávia na década de 50. A tribo vive de venda de cartões usados e cobertores. A principal atividade das mulheres do grupo é ler as

**Eles deixaram a Índia há mil anos**



Camille Corot

## Ciganos: Odisséia de um povo sem pátria

mãos — **medabaráu vales gadjesco**.

Com exceção do analfabetismo, os **rom-lovaras** são totalmente diferentes dos **calons**. Além de viverem em **tséras**(tendas) grandes, os **lovaras** conservam a cultura cigana. Eles usam roupas típicas, cantam músicas tradicionais e falam um dialeto **romani**.

São um dos grupos que mais preservam a tradição musical. A principal característica das canções que compoem é a forte influência da música latino-americana. A maior parte do cancionário deles é composta em espanhol, idioma que conhecem bem.

A situação econômica desses ciganos é melhor do que a dos **calons**. Nas tendas dos **rom-lovaras** há televisões e geladeiras. Além disso, eles viajam em **vurdom** (caminhões) às vezes modernas F-1000.

Os **lovaras** fazem reserva de ouro, maior parte comprado nos garimpos da região amazônica. Eles preferem não vender esse ouro aos **gajôs** (termo que em língua **romani** significa homem não-cigano) para não diminuir

o estoque da comunidade. Mas fazem transações com ouro entre si.

Além do ouro, os **rom-lovaras** não admitem que as mulheres do grupo se casem com **gajôs**. Com essa atitude pretendem preservar a unidade da tribo.

No entanto, os homens não estão sujeitos a esta restrição. Muitos deles casados com **gajôs** (mulheres não-ciganas). É o caso de Orlando Ivanovitch, 25 anos, que casou com a paranaense Rosemare da Silva, 22 anos. Filha de operários da periferia de Curitiba, conheceu Ivanovitch durante um casamento cigano em Barra Velha, Santa Catarina. Na época tinha dezesseis anos e decidiu seguir o grupo. Hoje o casal tem três filhos.

Entre os vários **gajôs** que vivem entre os **lovaras** está Rizoimar da Silva, 16 anos, irmão de Rosemare. Depois de trabalhar dois anos como **office-boy**, decidiu desistir de tudo e seguir viagem com os ciganos. Faz três anos que está percorrendo o Brasil.

— Mas já me enchi de vender colchas.

## Hitler matou 500 mil deles em seus campos

Eles chegaram na Europa em 1417. Da Pérsia (atual Irã) onde estavam desde o século dez D.C., depois que saíram da Índia, os ciganos se separaram em dois grupos. O primeiro parte rumo à Europa e o outro dirige-se à Síria, Palestina e Egito. Na Europa, depois de uma acolhida cordial em muitos lugares, começam as perseguições. Esses andarilhos roubavam e faziam trapaças. No entanto, apesar de sempre terem professado a religião do país onde passam, ao contrário de outra minoria, as perseguições contra eles tinham um caráter religioso. Num continente medieval, a lenda de que esses nômades negaram a hospedagem à Virgem Maria e ao menino Jesus quando passavam pelo Egito, foi o suficiente para gerar uma hostilidade constante dos católicos, tal como estes tinham em relação aos judeus. Foi por causa disso que os ciganos são conhecidos pelos falantes de inglês por **gypsy**, uma palavra derivada de **egyptian** — egípcio. Os franceses também os chamam por **egyptiens**.

**Escravidados** — Os primeiros editos oficiais contra os ciganos aparecem no século XVII. Na Espanha, onde chegaram em 1447, eles foram proibidos de usar as roupas típicas, de praticar comércio, de portar armas de fogo, de falar suas línguas além de serem obrigados a viver sedentariamente num bairro isolado. A repressão foi tão intensa que eles nem sequer tinham direito ao asilo nas igrejas, benefício este que era estendido até para criminosos comuns. Em Portugal a Inquisição fez com que muitos ciganos, já fugidos da Espanha, buscassem refúgio no Brasil. O primeiro cigano chegou ao país em 1574. Na Romênia, foram escravizados e permaneceram nessa condição até o século XIX. Mas a pena mais dura contra esse povo foi a decisão do imperador austriaco José I que ordenou, em 1710, o enforcamento de todos os ciganos do sexo masculino encontrados no seu império. A ordem não foi cumprida, mas o povo nômade enfrentará um plano de genocídio traçado por um outro austriaco, Adolf Hitler. Na segunda guerra mundial 500 mil ciganos morreram nos campos de concentração nazistas. Esse número equivale aproximadamente a um terço de sua população espalhada pela Europa na época.

**Desunião política** - Após a Segunda Guerra Mundial, com a fundação do Estado de Israel em 1948, entidades ciganas da Europa mobilizaram-se para reivindicar um país para eles. Na década de 30, a Liga das Nações já tinha proposto a criação de um estado cigano numa ilha da Polinésia. Mas eles estavam interessados na Índia. Na década de 50 houve vários encontros entre líderes ciganos e o primeiro ministro Jawaharlal Nehru para que lhes cedesse um pedaço de terra da Índia onde pudessem organizar uma pátria. Mas o projeto nunca foi adiante por causa da total falta de unidade política desse povo. Nem mesmo uma monarquia, fundada pelo polonês Gregory Kwiek, que se proclamou "rei dos ciganos" em 1883, conseguiu ter vida longa.

Ao mesmo tempo que as entidades ciganas não conseguem articulá-los num projeto político mais amplo, esse povo enfrenta hoje problemas seríssimos, principalmente no leste europeu, área onde vive a maior comunidade deles, quatro milhões de pessoas.

Depois de terem sofrido durante os governos comunistas um programa de sedentarização forçada principalmente na Hungria e na Romênia, os ciganos estão numa situação pior. Por outro lado, ao mesmo tempo que o índice de desemprego entre seus membros, que apresentam nível de instrução baixíssimo, atinge cifras de 90% em média, eles são responsabilizados também pelo aumento da criminalidade. Só na Tchecoslováquia, por exemplo, 50% da população carcerária, que chega ao total de 60 mil presos, é formada por ciganos.

Orias Alves Jr.

## Noiva custa dinheiro

O casamento entre os ciganos Rom Lovara é decidido numa reunião de homens. Um dos participantes do conselho se dirige a outro anunciando sua decisão de "comprar" sua filha para casá-la com o seu filho. O pai da moça dá o preço em ouro ou dinheiro. O pai do rapaz que fez a proposta não pode recusar a soma pedida. Para evitar qualquer constrangimento, a notícia da decisão da "compra" da noiva circula meses antes na comunidade, de sorte que no dia da reunião ambos os pais já sabem mais ou menos qual será o preço da transação.

Acertada a quantia, o pai da moça oferece ao "comprador" uma garrafa de uísque rodeada com uma corrente de ouro. Depois chama a filha para que ela dance ao futuro sogro uma coreografia chamada de romanês.

A data da cerimônia é acertada. Eles alugam um amplo salão para os três mil convidados que comparecem em média nesses eventos.

Quem dirige a cerimônia do casamento é o ancião da tribo. Ele recita orações quando corta delicadamente os pulsos dos noivos com uma lâmina. Depois junta-os para consumir "a união de sangue". Os convidados gritam Brau! Viva! Então o pai da noiva diz em língua romani essa declaração ao pai do rapaz:

— Eu te dei a minha filha em casamento. Mas um dia posso pegá-la de novo. Se cuidares dela terás nora. Não é dinheiro e nem ouro que te dou, mas sim um sangue meu.

Os jurados aplaudem no momento em que o pai do rapaz beija a noiva do filho. O ancião da cerimônia fala nesse momento:

— Eu testemunho que estou presente neste casamento e mais tarde posso ver o final dele. Como ele está vendo, diz o ancião olhando para o pai da noiva, a filha está paga.

O idoso beija os cônjuges. Os convidados batem palmas e gritam novamente Brau! Eles já estão casados. A orquestra começa a tocar várias kalaskê romanês (músicas de entretenimento). Começa a grande festa de três dias e três noites.

**Desvirginamento** — No terceiro dia após a cerimônia de casamento é dada uma trégua na grande festa: os convidados esperam o resultado do ritual do desvirginamento. Os recém-casados mantêm relações sexuais diante de uma comissão de parentes.

A cerimônia tem versões diferentes conforme as tribos. Há comunidades ciganas em que o desvirginamento é feito pela própria tia. A mulher introduz o dedo na vagina da sobrinha com o objetivo de tentar romper o hímen ou provocar qualquer sangramento para passar num pano de algodão, o qual pretende dar, como prova da pureza da moça, ao marido.

**Com os parentes** — Os recém-casados são despedidos. Quando o rapaz for inexperiente (muitas vezes não passa dos quatorze anos), os homens da comissão lhe ensinam "como fazer". Durante o ato sexual o casal é assistido pelos parentes. As mulheres, quando notam que a moça não quer ceder, seguram-na e mantêm as pernas dela abertas enquanto uma cigana segura o órgão sexual do rapaz, direcionando-o à vagina da jovem.

Consumada a penetração, passa-se um pano branco para recolher o sangue. Depois jogam álcool no lenço e tentam tirar inutilmente a mancha de sangue.

Se não houver sangramento ou qualquer prova concreta de que a moça é virgem, o noivo pode decidir se a aceita ou não. A frase de recusa é: — Senhores, desculpem-me. Nem eu sabia o que estava acontecendo.

Nesse caso o casamento é desfeito e se instala um clima de guerra entre as famílias: a moça é punida com uma surra do pai, que nessa história toda, tem de devolver o ouro pago pelo casamento.

Se o rapaz quer a noiva apesar dela não ser virgem, ele comunica à comissão: — Já que ela não foi "moça", eu aceito do jeito que ela é. Nesse caso, o pai está impedido de dar uma surra na filha, mas tem de devolver o ouro ou o dinheiro recebido pelo casamento do mesmo jeito. (O.A.J.).



Troféu: multiplique por quatro

## Desta vez foram 4 prêmios. Zero é tetra-campeão

Quatro prêmios. Esse foi o saldo do Curso de Jornalismo da UFSC no 4º Set Universitário - Festival de



Criciúma, 1º de maio: vencedora em fotojornalismo



## Mais um prêmio. Em vídeo

O II Cone Sul em Vídeo premiou mais uma vez o Curso de Jornalismo da UFSC. O vídeo Sexo produzido pelas alunas Kátia Klock, Raquel d'Ávila e Cláudia de Oliveira, concorreu com outros trabalhos profissionais e amadores e ganhou na categoria "didático-educativo". A mostra de vídeo ocorreu em Santa Maria (RS), entre 6 e 10 de novembro, com a realização de várias oficinas, ministradas por profissionais do Sul do país.

## UFSC faz sucesso no 4º Set

Laboratórios de Comunicação Social do Cone Sul, promovido pela Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC-RS, Entre 8 e 10 de outubro em Porto Alegre. Dos cinco prêmios da área de jornalismo, três ficaram com a UFSC.

Em fotojornalismo a estudante Deise Freitas venceu com o tema *Criciúma - 1º de Maio*. Com o título

*Madre Paulina expulsa povo de Nova Trento do Paraíso*. Geraldo Hoffmann, venceu pela segunda vez a categoria reportagem Nosso jornal laboratório, o ZERO, foi tetra-campeão, venendo pela quarta vez consecutiva a categoria peça gráfica concorrendo com revistas e jornais do Brasil, Argentina e Uruguai.

O quarto prêmio veio com vídeo experimental, *Será que é pecado?* dos estudantes Renata Rosa, Nilva Bianco, Sílvia Pavesi e Fabiano Melato.

O Curso de Jornalismo participa desde o primeiro Set, e sempre foi premiado. Desta vez trouxe 60% dos prêmios dentro de sua área. O restante ficou com a Universidade Católica de Pelotas (vídeo Jornalismo) e com a Famecos, (Radio Jornalismo). Mesmo não concorrendo nas áreas de Relações Públicas, Publicidade e Turismo, o Curso de Jornalismo, depois da Famecos, foi a representação que mais recebeu prêmios.

## Evento reuniu os melhores do Cone Sul

O 4º Set Universitário, que aconteceu de 8 a 10 de outubro na Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC-RS, mostrou um bom grau de produtividade dos estudantes de todo o Cone Sul. O festival teve recorde de peças inscritas: foram 677 trabalhos concorrendo em nove categorias. Durante o Set os estudantes do RS, SC e Paraná, além do pessoal da Argentina e Uruguai participou de várias palestras, debates e oficinas.

No workshop de cinema, aos alunos fizeram gravações no riacho Ipiranga, que corta a cidade de Porto Alegre numa transversal de leste a oeste. O Ipiranga fica em frente à PUC e os estudante-cineastas transformaram um banco de areia do leito do riacho numa praia. Uma família tomava banho de sol, com direito a usar biquini, toalha, e até guarda-sol. Repetindo a ideia dos estudantes de São Paulo, que fizeram o mesmo no leito do Rio Tietê

em protesto a poluição. Muitas câmaras, algumas postadas na passarela sobre o riacho, outra localizada nas margens e uma outra no próprio leito, chamavam a atenção dos alunos da PUC e dos motoristas que passavam por ali.

Em um outro workshop, o de reportagem na TV, os estudantes fizeram gravações no saguão da Famecos. Aproveitaram os estandes, como o da Faculdade de Turismo e Hotelaria de Balneário Camboriú, para fazerem passagens que despertavam atenção de todos os que lotavam o local. Curiosos, interessados e até os participantes ficavam atentos aos equipamentos utilizados pelos cinegrafistas da Famecos, e nas palavras do jornalista Flávio Porcello, que orientava os repórteres no workshop.

A participação dos alunos foi grande nas palestras, debates e oficinas. O nível foi considerado bom. O estudante de jornalismo da Famecos, Cristiano Urubu, 18 anos, resumiu em poucas palavras o 4º SET Universitário: "Apreendi mais nas oficinas do que nos dois semestre que já cursei".

**Textos: Ricardo Jacques**

# Prós e contras no balanço da maior greve

**Até parece  
que Chiarelli  
era um anjo**

No ritmo do assentamento da poeira levantada por mais de três meses de greve de professores e servidores - 108 e 77 dias, respectivamente - a comunidade universitária procura fazer seu balanço de ganhos, perdas e danos. Se por um lado os grevistas consideram positivos os resultados da maior greve da história da universidade brasileira, o mesmo não se pode dizer dos estudantes. Estes foram, como sempre, convencidos a apoiar o movimento seduzidos pela inclusão de melhorias para a universidade na pauta de reivindicações dos professores.

Acabaram saindo por baixo, e foram os maiores penalizados com a paralisação. "A greve foi estritamente salarial", constata Dóris Gomes, coordenadora geral do Diretório Central dos Estudantes (DCE).

O DCE não põe em dúvida a validade das reivindicações dos docentes, que, como qualquer trabalhador brasileiro, tem os bolsos cada vez mais vazios. "O que se questiona é a forma de luta", diz Dóris. Esta é a grande "sacada" do DCE, que vê num movimento alternativo a melhor saída para todos os lados. Na opinião dos diretores da entidade, as greves em setores de prestação de serviços não têm o apelo necessário para sensibilizar o governo.

No caso específico de professores e servidores, a constatação é ainda mais flagrante, pois a falta dos seus serviços não põe em risco a saúde ou a vida da população, pelo menos a princípio. "A greve deve ser feita para atingir o patrão, mas, nesse caso, o governo acabou tendo lucro. Só com os restaurantes universitários parados ele deixou de gastar uma fortuna", acredita a representante dos estudantes.

Dóris acha, também, que o professor universitário não tem o poder de envolver a sociedade nas suas manifestações. "Dessa maneira, o movimento e a própria universidade perdem credibilidade", afirma. "Se os professores defendem a universidade



Helena Dalri, reeleita presidente da Asufsc após a greve

pública e gratuita eles não podem desmoralizá-la", dispara Dóris. Ela cita os professores estaduais como exemplo a serem seguidos, pela sua presença e poder de mobilização em manifestações semanais. Outros movimentos são lembrados como válidos, como o UFSC na Praça. A partir de agora o DCE pretende abrir a discussão com os professores sobre as formas de luta que privilegiem as manifestações, tenham caráter mais amplo nas reivindicações e façam com que a unidade com os estudantes tenha mais responsabilidade.

Uma grande mágoa do Diretório Central dos Estudantes foi a falta de apoio que tiveram dos professores nas manifestações realizadas em Brasília para a aprovação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação. Vale lembrar que uma das condições dos estudantes para apoiar a greve dos docentes era incluir o item LDB na pauta de reivindicações. O DCE foi pego de surpresa com o início da greve dos professores, já que seus representantes estavam em um congresso da UNE e não foram avisados pela Andes sobre a deflagração. A princípio a greve teve um apoio restrito do DCE, mas a partir do dia 10 de setembro a entidade se posicionou contra.

Servidores - Iniciada alguns dias antes da paralisação dos professores, a greve dos servidores da UFSC foi amplamente vitoriosa, na visão dos dirigentes da sua associação. A greve foi

de âmbito nacional, e mobilizou associações de mais de 40 universidades federais. Entre as principais conquistas da categoria estão os ganhos econômicos com os recálculos da tabela e a definição de um piso salarial, além da assinatura de um acordo inédito entre a Fasubra e o governo, que reconhece a entidade como sindicato.

"A greve já começou vitoriosa, num clima diferente", diz Helena Dalri, presidente da Asufsc (Associação dos Servidores da UFSC). Isto porque em apenas uma semana a Fasubra parou 40 universidades, o que deu uma grande fluência ao movimento. Em outras ocasiões foi necessário de 15 dias a um mês para paralisar um número igual de instituições. A greve dos servidores começou no dia 5 de junho e terminou em 21 de agosto.

Através de sua presidente, a Asufsc se posicionou abertamente a favor do ensino público e gratuito, apesar de ser reconhecido o fato de que isto não é importante para a maioria dos servidores. "O pessoal não tem esse conceito como prioridade, mas deve se conscientizar que antes de ser um benefício para o aluno, é um benefício para a sociedade", diz Antônio Carlos da Silva, vice-presidente da Asufsc. Ele acredita, porém, que esta greve serviu, entre outras coisas, "para aumentar o nível de consciência dos servidores sobre a questão".

Vladimir Brandão

## Todos os cursos vão ter duração de quinze semanas

O calendário do segundo semestre da Universidade Federal de Santa Catarina terá a duração de 15 semanas para todos os cursos, em decisão aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) e pelo Conselho Universitário (CUN), criando um semestre atípico, em caráter excepcional — veja quadro. A compactação das disciplinas deve ser decidida pelos colegiados de cada curso.

Para o pró-reitor de ensino da graduação, Jaecir Monteiro, a compactação das disciplinas é norma regimental viável dentro da UFSC. A resolução do CEPE define que a compactação dependerá da viabilização de espaço físico, da possibilidade de cada Departamento e da obrigatoriedade de não ultrapassar as 25 horas semanais. Foi aprovado também pelo CEPE, o aumento de hora-aula para 60 minutos, mudando o horário de funcionamento de toda a universidade. Mas em reunião no dia 10 de outubro, o Conselho Universitário anulou essa decisão, o que agradou todos os segmentos da comunidade universitária.

Para o Diretório Central dos Estudantes, caso esse aumento na duração da aula fosse aprovado prejudicaria o aprendizado, fazendo cair o rendimento e acarretando problemas para os estudantes que trabalham e para os que dependem de ônibus. A Associação dos Professores (Apufsc) também estava contra os 60 minutos, e o seu presidente Marcos da Ros acredita que "a única vantagem trazida com a definição do calendário foi a aprovação dos direitos trabalhistas dos servidores da UFSC". Para os formandos de 91-2 a situação pode ser amenizada. O curso que optar por compactar e não quiser esperar até o final do semestre legal, pode requerer ao CEPÉ o

adiantamento da colação de grau.

O CEPE recebeu as propostas de calendário até a quarta-feira, dia 12 de outubro. Uma delas surgiu da assembléia geral dos estudantes, realizada dia primeiro de outubro, que reuniu dois mil estudantes. Tumulada, a assembléia demorou mais de três horas, onde foram ouvidas as propostas de cada Centro. A decisão foi confusa e as convergências entre datas foram poucas. O principal ponto resolvido foi a volta às 15 semanas, ficando cada curso com a incumbência de organizar seu próprio calendário.

Dos alunos presentes muitos saíram revoltados, como é o caso de alguns estudantes de Agronomia, cuja proposta era o adiamento do segundo semestre para início em fevereiro, com a alegação de condições desfavoráveis no verão para o aproveitamento das aulas desse curso. O curso de Letras também preferia o adiamento do semestre, pois voltar as aulas normalmente seria disfarçar com uma falsa solução a greve salarial de 108 dias, esquecendo das condições de ensino e a qualidade da educação. Quem saiu satisfeito foram os estudantes do Centro Tecnológico, que tiveram sua proposta de calendário parcialmente aprovada pela maioria dos estudantes, que ao final da Assembléia ainda estavam presentes.

Já decidido o destino da Universidade para 91-2, a preocupação da comunidade universitária se volta para os próximos obstáculos que prejudiquem a educação, que podem vir em forma de greve pela reivindicação de melhores salários ou pela ameaça constante de privatização do ensino superior.

Sara Caprario

### Segundo semestre vai até maio

Pelo novo calendário, os cursos de 18 semanas terão o início das aulas em 7 de novembro, com interrupção em 21 de dezembro. O reinício das aulas será em 3 de fevereiro, com término em 7 de abril. Já os cursos de 20 semanas terão seu início em 18 de novembro, com interrupção em 21 de dezembro. O reinício das aulas será em 31 de janeiro e o término do semestre em 4 de maio.

# Três lideram eleição para reitor

**Rodolfo quer voltar  
mas Scheibe e Diomário  
têm mais chances**



Diomário



Quites



Corso

Cartazes, faixas, adesivos e panfletos proliferam no Campus, deixando claro que a disputa pela reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina está cada vez mais próxima. Faltando cerca de um mês para a realização do primeiro turno das eleições, no dia 26 de novembro, seis chapas se empenham na conquista dos 20 mil eleitores da UFSC, entre professores, alunos e servidores. Mas, como em qualquer disputa, não são todos os concorrentes que têm chances reais de atingirem seus objetivos.

Como na Universidade não existe Ibope, o único jeito de saber quem largou na frente nesta corrida é ouvir o barulho do Campus e analisar as estimativas dos comitês de campanha. Por estes critérios, três candidatos aparentam estar no primeiro pelotão: Diomário Queiroz, diretor do Centro Tecnológico, o geólogo Luiz Fernando Scheibe e o ex-reitor Rodolfo Pinto da Luz. Correndo por fora e bem atrás, aparece David Ferreira Lima, filho do ex-reitor João David Ferreira Lima, que abocanha uma fatia importante do eleitorado através de seu companheiro de chapa, o servidor Nilto Parma, ex-diretor do Depar-

tamento de serviços gerais. Já na base do "o que importa é competir", entra a candidatura de Almir Quites, com Valmir Aguiar para vice. Sem chances de chegar ao segundo turno e sem dinheiro para aumentar sua campanha, Quites tempera o processo eleitoral com acusações de abuso do poder econômico. "A UFSC deveria financiar a campanha de todas as chapas para garantir a igualdade de condições entre os concorrentes", raciocina Quites. E, fechando a raia, não falta nem mesmo um aluno querendo ser reitor, como o estudante de filosofia, Paulo Corso.

**Otimismo** - Entre os candidatos com maiores chances de chegar ao segundo turno, as informações mais otimistas partem do comitê de Diomário, que tem como vice a única mulher desta eleição, Nilcéa Pellandré. Conforme seu coordenador de mobilização, José Francisco Flats, Diomário teria hoje cerca de 60% dos 1800 professores, disputaria palmo a palmo com Luiz Fernando Scheibe a maioria dos votos dos 16 mil alunos e dividiria parcialmente com Rodolfo Pinto da Luz, David Lima e Luiz Scheibe as preferências dos 3.200 servidores. Como a eleição é paritária, esta

avaliação garantiria Diomário Queiroz no 2º turno.

"Estes números são um delírio", afirma o coordenador da campanha de Scheibe, Clarilton Ribas. Clarilton prefere analisar a distribuição dos votos da UFSC a partir de uma divisão política Segundo ele, existem na universidade três eleitorados distintos: os progressistas, os conservadores e os nem tanto. "Nós pegamos os progressistas, o Rodolfo divide com o David os conservadores e o Diomário está entrando bem no grupo intermediário. Mas, na hora H, este grupo intermediário vai acabar votando útil e levando o Rodolfo para o segundo turno, junto com a gente".

Os dois candidatos mais votados no primeiro turno vão disputar a segunda e decisiva etapa da eleição, no dia 10 de dezembro. A não ser que alguma chapa vença a disputa já no primeiro turno, possibilidade que todos os comitês consideram improvável, a UFSC só vai conhecer o substituto de Bruno Schlemper Júnior daqui a dois meses e meio. E é no intervalo entre o primeiro e segundo turno, que a luta pelo título de magnífico reitor promete ficar realmente quente.

**Pedro Saraiva**



Scheibe



David



Rodolfo

## Candidatos têm propostas semelhantes

Os seis candidatos que se apresentaram bem saem com propostas que seguem um mesmo estilo, onde cada um se empenha em desenvolver uma campanha de reestruturação da universidade. Defendendo a autonomia e a criação de condições para as pesquisas e desenvolvimento da universidade. Uma maravilha.

**Candidatos** — Com o slogan "Repensando para Mudar", o professor Diomário de Queiroz (CTC), propõe mudanças nas estruturas da universidade para ajustar as necessidades de cada função de ensino da instituição. Essa reorganização de atividades está sendo debatido em vários fóruns, que o candidato

tem oferecido em cada departamento, junto com sua vice, a professora Nilcéa Pellandré (CED). Esta é a única chapa que conta com a presença feminina.

O prof. Quites (CTC) é o que mais enfatiza a criação de uma nova administração. Sua proposta, "Reforma geral universidade", apresenta um novo funcionamento do sistema administrativo.

A chapa Quites/Aguiar alerta para indícios de uma campanha cara, "a universidade deveria dar condições para a realização de cada candidatura, assim a disputa seria igualitária", diz.

O professor Rodolfo Pinto da Luz (Fapeu) está esperando o final das inscrições

para iniciar a sua campanha. Ex-reitor no período de 84 a 88, a sua proposta ainda está na fase de discussão. Mesmo assim já existe uma linha definida, que é a de defender a autonomia, garantir recursos e fortalecer a administração de cada centro.

O professor Luiz Fernando Scheibe (CCH), entra com a campanha *Mais Universidade*, onde propõe a criação de melhores condições para que haja total aproveitamento dos recursos humanos e materiais da UFSC. Sua proposta também aborda com ênfase as questões que envolvam a universidade com a sociedade, procurando maior integração.

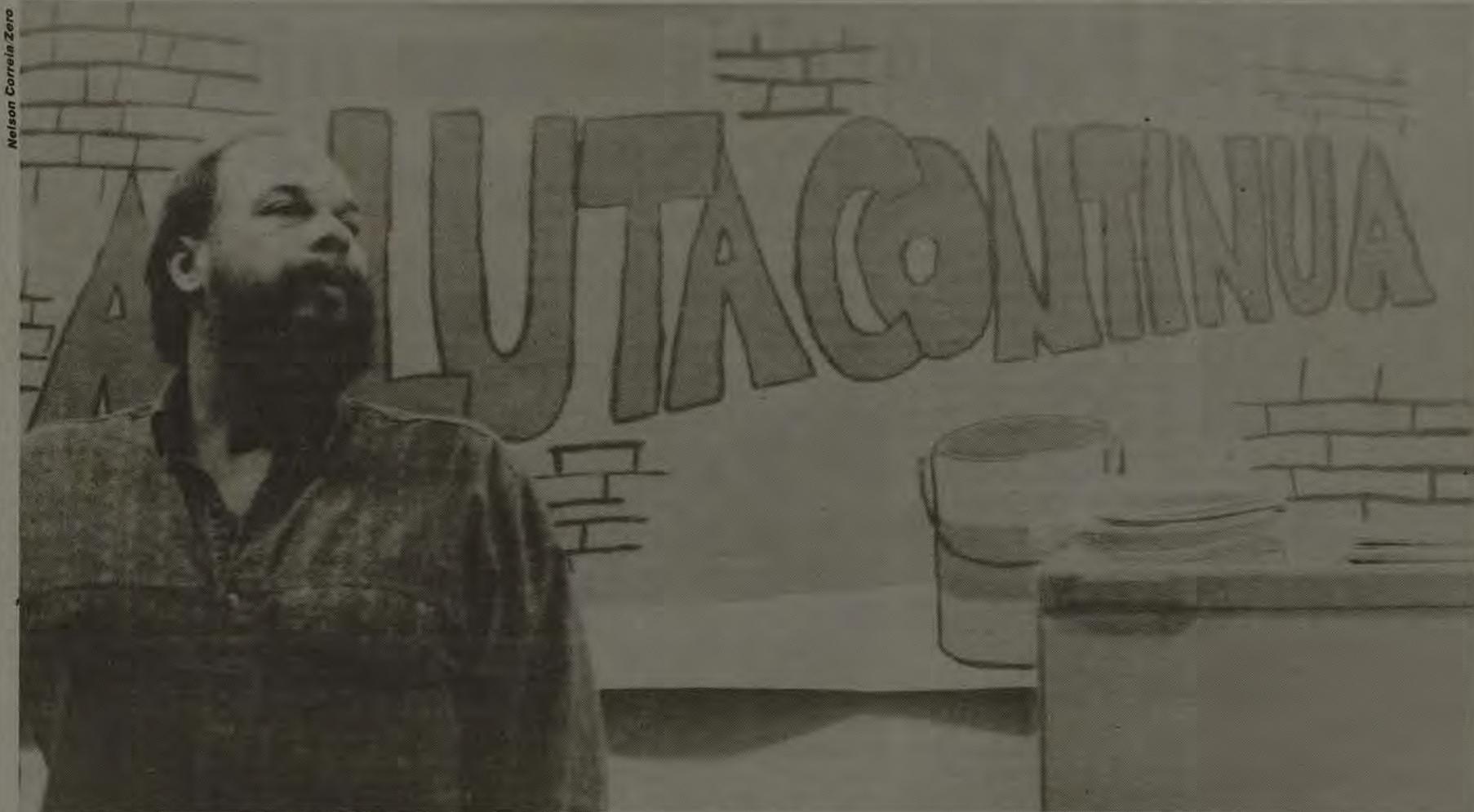
**E a greve?** "Inevitável", essa foi a resposta unânime dos candidatos. Todos pensam que com o descaso atual do governo em relação à educação, vai ser difícil evitar as greves. "É lamentável que seja necessário uma greve tão longa para se obter o que é justo", diz o professor Scheibe, referindo-se à última paralisação. "É uma questão de sobrevivência", diz o professor Diomário, para quem deve-se "lutar para criar condições favoráveis, evitando-se assim a greve".

**Sistema paritário** — No começo do ano, a Apufsc propôs uma modificação do sistema paritário sobre o total de votantes para essa eleição. Segundo a associação, a ex-

periência de duas eleições demonstrou que não havia um peso igual para cada categoria. O que compromete o sistema que foi criado justamente para igualar a participação. Isso porque havia uma diferença nos índices gerados por vários motivos. Entre eles, a não-eliminação na lista dos votantes dos professores afastados para formação e alunos com matrícula trancada. A proposta da Apufsc não saiu do papel.

A medida que o tempo for passando e a corrida pela sucessão se acirrar, ficará mais evidente qual é realmente a proposta e o perfil do candidato. Qual é o seu grupo político e seus interesses.

**Victor Carlson**



Nelson Correia Zero

Marco Aurélio da Ros acredita que a greve foi uma vitória política. Mas adverte: "devem vir novos ataques e precisaremos de mobilização"

# A universidade balança, mas não cai

O presidente da Apufsc diz que, por enquanto, a universidade pública está garantida

**Z**ERO — Como você avalia a greve dos funcionários da UFSC? O que se ganhou e o que se perdeu com ela?

**Marco Da Ros** — Eu acho que apesar de tudo, mais se ganhou que se perdeu com a greve. Nós ganhamos politicamente. A vitória política, sem dúvida, passa pela derrubada da medida provisória 296. Nós conseguimos uma aliança no Congresso que a derrubou. Posteriormente conseguimos um projeto de lei que nos acrescentava 20% linear, com algum ajuste de tabela, que dava em média 67% para os professores. Como nossa perda era de aproximadamente 350%, entendemos como insuficiente esse reajuste e continuamos em greve. Na sequência da greve contribuimos para a derrubada do ministro Carlos Chiarelli (PFL), que era totalmente descomprometido com a educação. Com a entrada de José Goldemberg iniciaram-se as negociações que até então não tínhamos obtido. Conseguimos então um ajuste diferenciado de 20% para todos os professores, mais um diferencial conforme a titulação e se o professor tem dedicação exclusiva ou não. Assim, o mestrado e o doutorado tiveram um aumento bastante grande. O tempo de serviço, que é de 5% a mais, teve em média uns 35% de aumento sobre o aumento de 67%. Então, isso dá uns 130% no final. Dados os tempos que vivemos hoje no Brasil,

é um aumento interessante, embora muito abaixo do reivindicado. Tivemos a opinião pública favorável à greve, pela primeira vez. Ganhamos um espaço importante na imprensa. Tivemos uma mobilização nacional importante em termos de professores. Eu penso que a vitória política foi nesse meio tempo. Nós tivemos uma garantia de que continua a universidade pública. Saíram do "emendão" os pontos que

*"Até parece que os estudantes querem a privatização"*

falavam sobre a universidade e em relação à aposentadoria que se reflete nela. E também o projeto de lei do Chiarelli foi arquivado — aquele que privatizava a universidade. Isso foram as partes boas. A parte ruim, sem dúvida nenhuma, foi o tempo que nós levamos. Esperávamos uma greve curta, de uns quinze dias. Durou 108 dias pela absoluta intransigência do governo em não querer negociar conosco. Isso é muito tempo parado, mas teremos e recuperar. Faremos o maior esforço, mas mesmo assim haverá perda de qualidade

e alterações e transtornos no calendário. Outro prejuízo que nós tivemos foi a não inclusão do Colégio de Aplicação, do 1º e 2º graus. Foi uma exclusão que nos agride muito, porque eles também são parte da universidade. Mesmo assim, para 108 dias de greve foi uma vitória política. Uma vitória econômica menor, mas foi uma vitória importante.

**Z** — Qual a posição da Apufsc para com o calendário? Ela apresentou ou defende alguma proposta?

**M** — Nós não queríamos que uma posição partisse da diretoria da Apufsc, então fizemos uma assembleia, ainda antes de terminar a greve, para tentar definir uma posição para a Apufsc. A assembleia levantou dez propostas. Então resolvemos chamar o conselho de representantes para tirar uma única proposta. Ele tirou, foi um balizamento do que deveria ser defendido, que era a qualidade do ensino, a troca da data do vestibular, o respeito às férias dos professores, o respeito à dificuldade de moradia dos alunos no verão e a não-perda da qualidade do ensino como questão fundamental. Balizando isso aí, fechamos uma proposta que atendesse a estes requisitos.

**Z** — É a proposta do CEPE, atende a esses requisitos?

**M** — Não me parece que a redução do número de semanas seja uma coisa boa. Acho que

tem cursos que vão ficar muito prejudicados com isso, principalmente o de Agronomia, que tinha dimensionado com a reforma acadêmica seu currículo para vinte semanas. Para eles não é uma questão de ampliar o curso, mas uma questão efetiva de sala de aula, de qualidade de ensino... Outra questão é de trocarem a data do vestibular para o final de janeiro. Ele poderia ser jogado para março, que me parece uma data adequada, dado que as escolas públicas ficaram sem aula esse tempo e portanto vão ficar prejudicadas para fazer o vestibular. Assim, não ficaria se defendendo que as vagas da universidade pública são apenas para alunos de escolas privadas. A terceira questão, que era fundamental pelo conselho de representantes, é a do período administrativo da universidade. Ela consome um tempo enorme do calendário com estes períodos, que chegam a seis semanas, que poderiam ser pensados de outro jeito. Por exemplo: se os professores que se comprometeram de dar as notas antes de terminar o semestre, o aluno saberia se passou ou não. Ele entraria no outro semestre provisoriamente, enquanto no processo administrativo fica-se duas semanas parado, esperando que a administração se resolva. Para o vestibular, também não se precisaria parar as aulas, mesmo sendo em março. Que se faça o vestibular em outro lugar. Se

*“A parte ruim da greve foi o tempo. Esperávamos uma greve curta, de uns quinze dias. Acabou durando 108”*

essas seis semanas fossem gastas administrativamente, nós poderíamos acertar o calendário em no máximo três anos, sem mexer no conteúdo e no currículo. E sem alterar o número de semanas. A proposta de redução do número de semanas não me é muito simpática.

**Z — E em relação ao período de férias dos professores proposta pelo CEPE para janeiro: após três meses e meio sem aulas, essa proposta pode também não parecer muito simpática para os estudantes. Haveria possibilidade de os professores abdicarem deste período de férias para recuperar as aulas também no mês de janeiro?**

**M —** Os alunos estão pensando pela cabeça de alguns professores que talvez não tenham participado da greve. Os professores que participaram ativamente da greve (são em torno de 500), trabalharam muito durante aquele período. Além do que, a greve não foi considerada ilegal, pelo contrário, conquistou coisas inclusive para os alunos, ou seja, a manutenção da universidade pública. A manutenção dos salários dos professores é uma coisa que passa pela manutenção da universidade pública. E os alunos têm dificuldade de entender isso, que é uma questão bastante importante. Por outro lado, as férias são um direito legal, um direito constitucional, e nós temos direito a elas. Como se não bastasse, no período de greve trabalhamos pela greve, mas também se trabalhou em pesquisas, extensão... continuou-se trabalhando. Seria absolutamen-

te injusto não termos férias. Greve para nós não é férias. Essa é uma visão falsa que as pessoas têm, de que greve é um período de descanso, quando na verdade não é. É um período de muito stress e muito trabalho. Eu, particularmente, trabalhei de 16 a 18 horas por dia no período da greve. E agora... vou trabalhar de novo? A greve foi legal, foi um instrumento de defesa da universidade e eu tenho direito a férias. Precisamos delas para nos reabastecer, para melhorarmos e continuarmos a dar bons cursos.

**Z — Mas nem todos os professores participaram ativamente da greve. Proporcionalmente, a quantidade de professores presentes nas assembleias era pouca, se comparado ao número de professores existentes na universidade.**

**M —** Isso é verdade e é lastimável para nós.



Nelson Correia Zero

*“Tem professor que não merece o aumento”*

Nós tivemos nesta greve uma participação bastante grande nas assembleias, ao contrário das outras que tinham uma participação pequena em assembleias, mas tinham uma mobilização ampla de pessoal trabalhando para fazer faixas, cartazes... Nestas assembleias, tínhamos um terço dos professores da ativa presentes, o que é bastante. Dos outros dois terços, muita gente continuou trabalhando em seus projetos de pesquisa ou extensão, ou aproveitando para estudar, escrever livros ou suas teses. E tem ainda uma parcela de professores que não entendem o processo (e que nós achamos que deveriam até abrir mão dos ganhos da greve), que, ou não participaram da greve ou entendem que greve é descanso, ou que é um equívoco. A gente lastima muito isso. É verdade, muitos professores não participaram ativamente da greve, teve gente até que viajou... Esse é o tipo de professor irresponsável, não comprometido pela universidade, e nós, infelizmente, ficamos trabalhando também por es-

ses professores.

**Z — E como você julga a participação dos estudantes na greve?**

**M —** Eu acho que eles ajudaram de um jeito, que foi objetivamente não vindo à aula. Agora, as atividades dos estudantes enquanto possibilidades reais de adesão, ou de pressão ao governo, que nós gostaríamos que existisse, ou seja, que eles fossem solidários a essa greve, foram mínimos, e isso eu lamento muito. Tivemos uma manifestação de praça, onde a participação de professores foi muito maior que a de alunos. Houve algumas tentativas isoladas do DCE, que não conseguiram a participação dos estudantes. Acho que o estudante de hoje está sem utopia, e enquanto ele não tiver utopia, ele vai ser atropelado pelo pessoal que está no poder. Então, me preocupa esta questão, de não construir a busca do novo. É essa geléia geral que está o país, de que o estudante não se preocupa em construir o novo, está fazendo com que ele não se mobilize. Essa não-mobilização é tudo que o governo quer. Então pode até vir a privatização da universidade e os estudantes são capazes de aprová-la, de repente, por omissão.

**Z — Qual a posição da Apufsc em relação a privatização das universidades públicas? E até que ponto a greve serviu também contra**

*“A redução no número de semana não é uma coisa boa. Tem cursos que são prejudicados, como Agronomia”*

isso?

**M —** Desde o tempo da ditadura militar já tentam privatizar a universidade. A universidade pública é uma ameaça para as classes dominantes: o governo não quer fazer gastos no social e muito menos fazer com que a população mais pobre do país fique mais consciente. Nós entendemos que a privatização da universidade é o impedimento total da população trabalhadora chegar na universidade. Então nós defendemos a universidade pública e gratuita intransigentemente. A privatização já estava colocada antes do início da greve, no projeto do Ministério da Educação, e nós já nos mobilizamos contra ela. Conseguimos suspender o projeto do Chiarelli ao longo da greve, e até conseguimos fazer com que o governo tirasse a questão da privatização do emendão. Ou seja, nesse momento está assegurada a universidade pública e gratuita. Deveni vir novos ataques, e vai depender sem dúvida da mobilização não só dos professores, mas também dos estudantes, que atualmente estão absolutamente desmobilizados. Até parece que eles querem que a universidade seja paga! Enthusiasmado que estou com os ganhos políticos desta greve, acho que temos papel importante em assegurar isto. Basta, num determinado momento, não ficarmos fragilizados, caso não tivermos o somatório da comunidade universitária.

**Entrevista: Nelson Correia**

**Velhos, pregadores, hippies, prostitutas, travestis, michês. Em turnos diferentes, todos dividem o mesmo espaço**

# PRACA XV

Diz a lenda que quem passa debaixo da figueira centenária da Praça XV de Novembro em Florianópolis sempre retorna. E quem vai e volta, vê que ali se vende desde as bugigangas dos hippies aos ensinamentos da Bíblia. Tudo sob o olhar perplexo dos aposentados, que se reúnem para ler jornal, voar nas asas da nostalgia e falar de um tempo em que a cidade andava no ritmo dos bondinhos puxados por burros. A noite, como por obra das bruxas que povoam o folclore açoriano, as sombras da velha figueira escondem a prostituição e o comércio de drogas. O belo cartão postal da cidade se transforma em outro retrato. Poucas praças com o nome do dia da Proclamação da República mostram tão bem a cara desse mesma República.

**De dia** — A Praça XV de Novembro, bem no centro da cidade é o coração de Florianópolis. Desde 1627, quando era um simples largo de chão batido, construído pelo bandeirante Francisco Dias Velho, ou já na década de 20, quando os bondinhos eram a atração, a Praça sempre foi ponto de encontro dos moradores da capital. E até hoje, ela ainda é um dos locais turísticos mais famosos da Ilha. Acompanhou o crescimento da cidade, sobreviveu às transformações e ao progresso, e ainda carrega o espírito do povo ilhéu. Por ela transita os mais diferentes tipos de pessoas. Uma delas é o aposentado Arnaldo Sabres, 57 anos. "A Praça é o meu lugar preferido. Sem ela, Florianópolis não seria a mesma".

Seu Arnaldo gosta de passar o tempo sentado nos bancos da Praça. Não gosta dos hippies e dos camelôs, considera-os símbolo de decadência e degradação dos costumes e valores provincianos, que fizeram da Praça, no passado, ponto de encontro da alta sociedade.

Bem ao contrário do seu Arnaldo, que não trabalha na praça, os hippies tiram dela o seu sustento. Todos os dias, faça chuva ou sol, eles acordam cedo, preparam o seu comércio e esperam os compradores de bijuterias, posters, esculturas, sapatos, roupas, bolsas e cintos.

Enquanto isso, bem perto da "decadência e da degradação" estão os pregadores do Evangelho. Eles chegam todos os dias perto das nove, sempre em grupos de seis ou sete trapados de paletó e gravata. A sombra das árvores, contam os passos de Jesus Cristo, a peregrinação dos fiéis, protestam contra a falta de fé das pessoas, e convidam a toda hora o povo para participar das Igrejas Evangélicas. "Deus é a única solução", garante Marco Aurélio, 25 anos, há um ano e meio, "curado de todos os pecados", frequentando a praça.

Os engraxates também sabem como a praça é importante. Durante o dia, engraxam sapatos. A noite, a maioria faz michê. "Aqui é o melhor lugar pra ganhar dinheiro", explica Renato. "Durante o dia a gente engraxa e ganha um pouquinho, mas a noite é que vem a grana mesmo".

**"Aqui rola de tudo, mas pelo menos eu arranjo grana pra comer"**

Os vendedores ambulantes confirmam a teoria dos engraxates. Marquinho tem 14 anos e menor de rua, vive na praça e dorme na Catedral. Durante o dia vende picolé, mas é à noite que ele ganha a vida. "Nessa hora é que é bom. Se tiver freguês, eu ganho mais dinheiro do que em 10 dias vendendo picolé".

Pela Praça XV de Novembro já passaram todos os tipos que habitam Florianópolis. Alguns não a frequentam regularmente, mas nela deixaram registrada sua passagem. Em 1979, o então presidente, João Batista Figueiredo, foi alvo de um dos maiores protestos políticos das últimas décadas em Santa Catarina. Esse episódio ficou conhecido como "Novembrada". Dez anos depois, foi a vez do ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Wagner Pimenta, também sob a sombra da centenária árvore, mostrar que coisas estranhas ainda aconteciam sob o manto do poder. Passeava o ministro, ao largo da Praça, de bermuda e acomodado num carro oficial com placas frias. Descoberta a artimanha, a população se revoltou, tendo o Opala do ministro sofrido alguns "arranhões". Ele saiu escaldado pela polícia sob ameaça de ser linchado pelo povo.

**Minimos detalhes** — Esses episódios fazem parte de uma lista infinita de acontecimentos, de pessoas, de atrações e de outras coisas, que imortalizaram a Praça XV, mas que já passaram. A única que permanece lá,

imóvel, inspiradora, maravilhosa, é a figueira. Por sua beleza, virou, além de verso do hino da cidade, *Rancho de Amor à Ilha*, nome de clube de futebol; o Figueirense.

Além da figueira outras árvores são cultivadas. Algumas, espécies em extinção, como é o caso do Pau Brasil, no lado direito da Praça, perto da Catedral. O cuidado com a flora e com a conservação da Praça, levou o arquiteto Wilson Serra Brandão a executar um projeto paisagístico de recuperação da Praça XV, no início de 89. Depois de criado o convênio com algumas empresas "Adote uma Praça", Brandão deu preferência à vegetação nativa, distribuindo-a nos canteiros existentes, ao lado de árvores de vários lugares do mundo, como um pinheiro da Austrália e uma magnólia da Indonésia.

A preocupação da Prefeitura é com o calçamento, que desde o início do ano está sendo restaurado em pedra portuguesa, com figuras criadas em 1965 pelo artista plástico Hassis. Um dos membros responsáveis pela restauração, Hélio Coimbra lamenta o mau estado de conservação, mostrando afundamentos e locais em que faltam pedras. O calçamento representa cenas nativas da ilha, como a pesca da tainha, o boi-de-mamão e a renda de bilro.



Essa preocupação com a beleza da Praça tem uma explicação. Além de ser o coração de Florianópolis, e de passarem por ela milhares de pessoas todos os dias, a Praça é também o endereço da Câmara dos Vereadores, da sede do Correio, do ex-Palácio do Governo, hoje museu Cruz e Sousa, e da Catedral Metropolitana. Quatro locais importantes localizados em torno dos 3.200 m<sup>2</sup> da Praça XV.

**De noite** — A beleza, a localização e todo o trabalho realizado pelos habitantes da Praça, transformam-na num ponto comercial muito importante durante o dia. A noite o comércio dá lugar à prostituição e ao tráfico de drogas. Os frequentadores são outros e fazem trabalhos bem diferentes. "Aqui rola de tudo, cara!", conta Eliane, 13 anos, que desde cedo largou a miséria de casa pela prostituição das ruas. "Aqui pelo menos eu arranjo grana pra comer". A maquiagem pesada, as unhas pintadas e a saia curta, que não escondem as feridas nas pernas, são suas armas. Todos os dias, perto das oito, ela desce o morro do Mocotó — onde mora com a mãe e outros três irmãos menores. Chama as amigas e vem para a Praça. "Aqui cada uma se vira. Tem dia que não dá nada, outros dão bastante".

Eliane não se preocupa nem um pouco com doenças sexuais entre elas a Aids. "Se eu pegar essas coisas fico sem vir aqui uns dias. Quando melhorar, eu volto". Essa falta de informação sobre os perigos das doenças não é problema para ela. "O pior de tudo é quando chove: não vem ninguém".

Outros frequentadores assíduos da Praça XV são os travestis. Eles chegam perto da meia-noite e se reúnem em frente à sede dos Correios. Com suas minissaias e seios de silicone, os travestis se incorporam à vida noturna da Praça. Gabriela, um deles, garante que as menores prostitutas não atrapalham o seu trabalho. "Quando a gente chega, elas já se arranjaram". Conta que o público que procura por travestis "é fiel". Entre o grupo "cada um tem o seu espaço, e isso todo mundo respeita".

E por isso que os menores de rua encontram o seu público na Praça XV. É o caso de Serginho, 15 anos, que durante o dia vende picolé "só para distarçar", e à noite faz michê. (Vive na Praça e dorme da catedral, junto com outros menores de rua). Ao contrário de Eliane, o que mais o assusta é a polícia. "Quando eles chegam, o negócio é correr".

Serginho, 15 anos fuma maconha e cheira cola. Nunca estudou, só sabe escrever o nome e o que mais quer é viver "por aí". Ele garante que à noite tem gente que só sai pra fumar ou cheirar. "Geralmente são os hippies, mas sempre pinta estudante".

**Sem solução** — A *Fucabem*. (Fundação Catarinense do Bem-Estar do Menor) parece não estar preocupada com os menores da praça, nem eles com ela, explica Serginho: "de vez em quando vêm as assistentes sociais dar conselhos. A gente finge que escuta e elas vão embora. As vezes levam um ou outro, mas logo a gente se livra".

Maria Augusta é assistente social há sete anos. Trabalha com menores de rua e conta que a situação é desestimulante. Além de faltarem recursos para se desenvolver um tratamento a longo prazo, o trabalho fica quase que por conta da vontade delas. "O salário é ridículo". Maria Augusta explica que não adianta querer prender os menores de rua. "Eles querem mesmo é ficar lá. As pessoas criticam o número crescente de menores de rua no centro da cidade, mas a culpa não é nossa. O que falta é um programa de governo voltado para essa situação, isso sim".

Diante da impossibilidade da *Fucabem*, os menores de rua aumentam em números assustadores. Em 80, segundo dados da instituição, o número era de 700 menores de rua na cidade; hoje já passa de quatro mil. A maioria circula pelo calçadão da Felipe Schmidt, pela Rua Conselheiro Mafra, pelo Terminal Urbano, mas é na Praça XV que eles se reúnem.

**"À noite é como se a Praça virasse de cabeça pra baixo, mas de dia tudo volta ao normal"**

Maria Augusta aponta para outro fator importante. "A imprensa só fala da Praça quando está sendo restaurada alguma coisa ou quando tem a Feira do Livro. Dificilmente mostra o que realmente acontece". A assistente social acusa o desconhecimento do público e reconhece o trabalho dos jornais alternativos. "A gente só vê os podres nos jornais semanais e mensais".

Essa omissão da grande imprensa é explicada por Márcia Ribeiro, subeditora do Diário Catarinense, jornal da RBS em Santa Catarina. "Todo mundo sabe o que acontece lá, e jornalismo é novidade, algo fora disso". Márcia reforça sua tese afirmando que "talvez se faça uma grande matéria quando morrer alguém. De preferência assassinado e à noite".

O taxista Walmor Santos, 49 anos, há seis trabalhando na Praça, nunca presenciou um assassinato, mas conta que já viu de tudo. "A noite é como se a Praça virasse de cabeça pra baixo". Para ele "de dia tudo volta ao normal".

Nas primeiras horas da manhã, a Praça começa a mudar. É a vez das menores prostitutas darem o lugar aos aposentados. Os travestis aos pregadores do Evangelho, os drogados aos engraxates. A Praça XV de Novembro volta a se parecer com um belo cartão postal.

Rafael Masseli

# MADRE PAULINA ACABA COM A PAZ DE NOVA TRENTO

*A pacata cidade agora é assediada por turistas  
sem ter estrutura para suportar*

O Centro de Encontros Imaculada Conceição (CEIC), que já foi convento, está virando hotel. É o sinal mais contundente de um estranho "milagre" que acontece na cidade onde viveu Amabile Visintainer, a mãe Paulina, que foi beatificada pelo Papa João Paulo II, no dia 18 de outubro, em sua visita a Florianópolis. Nova Trento, a 80 quilômetros ao Norte da capital, está deixando de ser uma pacata colônia de italianos, para se transformar em movimentado centro de turismo religioso.

A procura por reservas no CEIC é bem maior do que no tempo em que o convento oferecia cem vagas para novicas — aspirantes a freiras. Desde 1975, o maior casarão da cidade vinha servindo à realização de "retiros espirituais", mas hoje abriga devotos da mãe Paulina. A maioria dos apartamentos está reservada até o final de 1992, por módicas diárias de 6,00 dólares. Fora o CEIC, Nova Trento só tem duas pousadas "meia estrela", insuficiente para hospedar em média 1.500 peregrinos por fim de semana.

O prefeito Saul Rover (PMDB) confessa um misto de medo, pela falta de infraestrutura, e orgulho, "porque o município vai ser notícia na imprensa internacional do dia 18". Oferece isenção de impostos, terrenos e até material de construção de graça para atrair investimentos em hotelaria. Por enquanto, estão surgindo novos bares e restaurantes, que trazem de

volta parte dos três mil pedreiros e carpinteiros neotrentinos que trabalhavam na construção de casas de veraneio, no litoral catarinense.

A prefeitura também pôs as máquinas na rua para remover a poeira do atraso. Com a ajuda de Cr\$ 48 milhões recebidos do governo do Estado, está pavimentando os seis quilômetros de estrada entre a sede do município e a aldeia de Vigolo, onde viveu mãe Paulina. No vilarejo que guarda o acervo histórico da beata, o mugir do gado está sendo abafado pelo ronco de tratores e automóveis. A fumaça das descargas junta-se aos vapores d'água que sobem, como fumo, sobre os parreirais. Um professor de italiano da escola local, Afonso Gon, diz que Vigolo é "um paraíso perdido. Ninguém pode mais dormir com

as janelas abertas".

O prefeito e os comerciantes sonham com a ilha de progresso que esperam ver nascer deste "paraíso perdido" de dez mil habitantes, fundado às margens do Rio Tijucas, em meados do século passado por imigrantes italianos. "Perde-se rios de dinheiro por falta de estrutura para receber os turistas", reclama Saul Rover. Um pouco deste dinheiro é captado pelo comércio da fé, que vende desde santinhos, medalhas, "bottons", estatuetas, cami-

setas, livros e fitas de videocassete sobre mãe Paulina.

Falta fé — Diz um ditado popular que "santo de casa não faz milagre", mas o marceneiro José Luiz Orsi, 45 anos, vê que "devagarinho a mãe vai fazendo um milagre pelo menos na economia da cidade. Antes "tava tudo parado". O vinicultor Juarez Raulino atribui o milagre dessa transformação ao prefeito: "Ele é que deveria ser canonizado", brinca. Ele crê que o turismo religioso é a salvação do município, que depende para sobreviver de repasses de verbas federais e estaduais. Os impostos sobre a uva e o fumo, eixos da economia local, não cobrem 10% das despesas da prefeitura, orçadas em Cr\$ 21 milhões para 1991. "Depois do dia 18" isso aqui vai pra frente", entusiasma-se o prefeito.

No campo religioso, os neotrentinos não mostram tanto entusiasmo com a iminente beatificação de mãe Paulina. O fervor dos forasteiros que lotam as igrejas de Vigolo e do Santuário Nossa Senhora do Socorro, no alto do Morro da Cruz, contrasta com uma certa apatia da população nativa. "Dá pra perceber mais vibração, mais convicção no semblante do pessoal de fora", testemunha a irmã Herci Júlia Reis, diretora do CEIC.

Sem condenar o crescente comércio da fé, a igreja ainda aposta num "crescimento religioso", com a realização de novenas e romarias ao santuário de Vigolo. Mas a maioria dos devotos vem de outras cidades, como a brusquense Aparecida Lacerda Garcia. Amparada pelo marido e uma irmã, ela arrasta os pés na lama para pagar uma promessa por ter escapado viva de um acidente de moto, depois de permanecer três meses em estado de coma.

Aos pés da "primeira santa do Brasil", a catequista Valdirene Dalla Brida tenta iniciar meia dúzia de inquietos adolescentes nos ensinamentos da Bíblia. Não consegue controlá-los nem para ensaiar hinos religiosos, distraídos que estão com a presença dos peregrinos "estrangeiros" que vêm de outras partes do Brasil. Depois da fracassada doutrina, Dalla Brida revela que a santa de casa ainda não convenceu seus conterrâneos: "O maior milagre de mãe Paulina será fazer o povo daqui acreditar nela".



## Um milagre e US\$ 60 mil para ser beata

Amabile Lúcia Visintainer, a mãe Paulina, nasceu em Trento (Vigolo Vattaro), Itália, a 16 de dezembro e 1865. Veio para o Brasil com 10 anos de idade e foi trabalhar na roça com os pais em Vigolo — Nova Trento-SC. Em 1890, junta-se a uma colega para cuidar de pobres e doentes, trabalho que deu origem à congregação das Irmãs da Imaculada Conceição.

Depois de erguer o convento que hoje está se transformando em hotel, mãe Paulina morreu em 1942, aos 77 anos, vítima de diabetes, em São Paulo. Católicos de todo o mundo veneram sua obra religiosa e assistencial, como atestam as provas de "graças alcançadas" (fotografias, correspondências, muletas...) que são recolhidas ao museu de Vigolo. A congregação fundada em 1890, num casebre de palha de Nova Trento, tem hoje 115 comunidades no Brasil, na Itália, Argentina, Nicaraguá e Chade-Africa.

A beatificação é um estágio anterior à santificação e baseia-se num fato que aconteceu em 1966, em Imbituba, Sul de Santa Catarina. A dona de casa Eluiza Rosa de Souza foi submetida a cirurgia para retirar um feto morto do útero, sofreu uma hemorragia incontrolável e foi desenganada pelo médico. Ela conta que o sangue só estancou depois de uma "corrente de orações" para mãe Paulina, iniciada pelos funcionários do hospital e que ganhou adesão de toda a população

da cidade, com a ajuda de uma rádio local. "Devo a vida à mãe", diz ela, hoje servente da Receita Federal.

O médico que acompanhou o caso, Aires Antônio de Souza, com 26 anos de medicina, diz que não acredita em milagres, mas admite que, o "acontecimento que envolveu Eluiza teve um fator extramédico". O processo de beatificação de mãe Paulina, que foi concluído na manhã de 18 de outubro pelo Papa João Paulo II, em Florianópolis, custou um "milagre" e mais 60 mil dólares. Foi o dinheiro gasto para reunir mais de 1600 documentos no arquivo secreto do Vaticano, em cartórios e dioceses de Trento, na Itália, e de Santa Catarina e São Paulo. Toda essa burocracia foi percorrida pela irmã Célia Cadorin, um espécie de advogada da causa, que acredita na futura santificação de mãe Paulina.

"Falta só mais um milagre comprovado pelo Vaticano e ela será declarada santa".

Mas o tempo que falta para a canonização é tão improvável quanto a ocorrência de um milagre. O único beato brasileiro, reconhecido pela Igreja durante a visita do Papa João Paulo II ao Brasil, em 1980, é o padre José de Anchieta. Passaram-se 10 anos e ele continua só beato.

Textos: Geraldo Hoffmann

# SEGURANÇA EM EXCESSO SITIA JOÃO PAULO

O Papa João Paulo II ficou impressionado com o espetáculo que lhe foi proporcionado no Aterro da Baía Sul, dia 18 de outubro. De improviso, no final da missa de beatificação de Madre Paulina, agradeceu a "celebração excepcional, sem precedentes na terra brasileira". De fato, não se tem notícia de outro Estado que tenha gasto tanto dinheiro para reunir tão pouca gente, nesta segunda visita de Karol Wojtyla ao Brasil, marcada pelo fracasso de público. Cada um dos 60 mil fiéis (cálculo da Polícia Militar) que foram ver o Papa em Florianópolis custou Cr\$ 12.500,00 aos cofres públicos de Santa Catarina.

Os organizadores da recepção chegaram a acreditar que um milhão de pessoas viriam a beatificação de Madre Paulina, símbolo da orientação mística que o Vaticano veio dar ao catolicismo brasileiro. Pediram uma ajuda de Cr\$ 2,1 bilhões ao governo federal para "obras de infra-estrutura" historicamente postergadas pelos prefeitos da Capital. É o caso do rio morto da Avenida Hercílio Luz, um enorme esgoto a céu aberto no centro da cidade.

**Privilegio caro** — Negado o socorro federal, os custos destas obras, tornadas "emergenciais" para dispensa de licitação, baixaram a Cr\$ 720 milhões — Cr\$ 65 milhões só para construir o altar de 200 metros quadrados. (A prefeitura de Campo

## Governo gastou mais de 720 milhões sem licitação, mas sequer conseguiu lotar o aterro da Baía Sul

Grande-MS fez uma obra de material idêntico e com o dobro da área por Cr\$ 15 milhões). As estimativas de público também entraram em queda livre, de um milhão para 800 mil e, por último, 600 mil, mas continuavam sendo alardeadas junto com advertências sobre o caos que se instalaria na Ilha de 300 mil habitantes. As duas pontes seriam fechadas, três mil policiais estariam nas ruas para controlar o trânsito e conter um ataque de trombadinhas, hospitais de campanha seriam montados no aterro e poderia faltar pão na cidade. Resultado: a platéia do Papa no aterro caberia no estádio da Ressacada, ao lado do aeroporto, com capacidade para 35 mil torcedores sentados.

A acolhida ao Papa foi mesmo "sem precedentes" desde o desembarque na Base Aérea, na noite do dia 17. Uma hora antes de aterrissar o Boeing que trazia Wojtyla, os portões foram fechados à imprensa, mas continuaram abertos a autoridades retardatárias. Dali em diante, viu-se uma sessão

de magia do pool de televisão que fazia desaparecer num lugar a reaparecer em outro um João Paulo II que pecava contra o protocolo.

**Fórmula-1** — O trajeto em que Sua Santidade teria o maior contato com o povo entre a Academia de Polícia Militar e o Colégio Catarinense — foi cumprido em ritmo de fórmula-1 pelo papamóvel. A parede de fiéis que se engalinharam desde o final da tarde, ao longo dos 7 km da Beira-Mar Norte, decepcionou-se com a passagem meteórica do andar de vidro. Por pouco, aquele vulto branco que distribuía acenos e sorrisos cansados um pouco acima do mar de cabeças não foi confundido com uma bruxa: "Ele passou voando", comentou o jovem Emeres Shappo que saiu direto da madeiraira ainda com a roupa cheirando a serragem de canela.

As bruxas estariam soltas mesmo na manhã de sexta-feira. Meia hora antes da missa, despencou uma chuva fria, prenunciada pelo vento Sul. Era a desculpa que faltava aos organizadores para justificar o erro de cálculo. Madre Paulina acalmou

a tempestade — como interpretou o animador Romão Ferreira — mas, ainda sem o status de beata, não teve força para multiplicar os fiéis.

A tão esperada beatificação consumiu escassos 20 minutos numa missa de duas horas e meia. "Declaro que madre Paulina é beata. As festas pra ela devem ser realizadas no dia 7 de julho, data em que nasceu ao céu", concluiu João Paulo II o complicado processo que se arrastara por 30 anos. Foi o momento de maior emoção da missa. Um grupo de meninas em vestes brancas lançou uma chuva de pétalas de rosas de cima da rampa do altar. O céu cinzento sobre o aterro ficou pontilhado de balões multicoloridos ao som de hinos religiosos entoados por um coral de 1200 vozes.

O Papa, comovido, fez um sermão por mais santos: "Santidade não é alienação. É uma resposta à sociedade que parece querer viver num clima de hedonismo e consumismo. O Brasil precisa de santos, de muitos santos", bradou. Um discurso que seria reafirmado à tarde, no encontro ecumênico com líderes das igrejas cristãs históricas (no Colégio Catarinense) e na reunião com as religiosas, no SESC, em que defendeu a castidade como "jubilosa afirmação do amor". Aclamado pelas freiras com o slogan "João, João, João você é o nosso irmão", João Paulo II se despediu, descontraidamente, com uma frase insólita "Irmão pode ser bom e pode ser mau".



Foto: Dócio Freitas Zero



## Crise afasta multidão do Papa

O Papa e as multidões. Este tem sido o grande espetáculo de rua nos países visitados pelo Sumo Pontífice. Foi assim no Brasil em 1980. Estabelece-se uma magia entre aquele polonês de faces rosadas, cabelos brancos, expressão serena e as "torcidas" prensadas junto a grades, cordas ou divisórias de madeira, nas praças ou estádios de futebol. A multidão canta e grita em coro. O Papa sorri e acena. A multidão agita lenços e bandeiras, ergue imagens, crucifixos, posters e crianças, tudo por uma bênção. Papa e multidão se comunicam em palavras e silêncios.

Mas as platéias desta segunda viagem de João Paulo II ao maior país católico do mundo foram pequenas. Previam-se que seis milhões de pessoas veriam o Papa nas ruas das dez capitais (Natal, São Luiz, Brasília, Curitiba, Goiânia, Campo Grande, Florianópolis, Vitória, Maceió e Salvador). Quando embarcou de volta a Roma, na segunda-feira, 21, não mais de um milhão de fiéis haviam saído de casa, público que Wojtyla reunira há onze anos só no Campo de Marte, em São Paulo.

O Vaticano apressou-se em explicar a menor mobilização de fiéis: esta visita não teve a novidade do inédito; as cidades visitadas agora eram menores e com transporte mais deficiente do que aquelas em que o Papa esteve em 1980, eram regiões com menos padres para convocar as multidões.

Seriam argumentos aplicáveis, por exemplo, a Maceió, onde o Santo Padre falou a 20 mil pessoas, metade do público que leva à praça do Vaticano na "febre das quartas-feiras" à tarde em Roma. Não se aplicam, no entanto, a Brasília, que desta vez mobilizou 200 mil pessoas contra 700 mil em

1980. Na capital catarinense, se o arcebispo dom Eusébio Scheidt tivesse conseguido ao menos reunir seu rebanho, seriam um milhão de pessoas. Ele reconhece que houve excesso de cautela, culpa o governo do Estado "que não decretou feriado", mas não acha que o público foi um fiasco: "Se somar todos os que viram o Papa, superou o meio milhão". Incluindo os telespectadores, talvez.

**Gesto perde encanto** — O jesuíta mineiro Carlos Palácio anteviu o fracasso de público desta visita em artigo publicado no caderno *Idéias* do Jornal do Brasil de 13 de outubro: "A construção de altares monumentais — que somados a outros gastos elevaram a Cr\$ 6 bilhões os custos da recepção do Papa no País — parece querer compensar, na vazia grandiloquência material, a escassez de motivações populares. A medida que as viagens se multiplicam, o gesto acaba perdendo o seu encanto. É a ambiguidade de todo gesto humano submetido ao desgast do tempo". A agricultora Verônica Richartz, de 65 anos, que não quis nem de graça viajar os 50 km entre Antônio Carlos e Florianópolis para ver o Papa ao vivo, completa a idéia do jesuíta em meia dúzia de palavras: "A bênção pela televisão também vale". Mas não é só isso.

Antes de beijar o solo brasileiro pela segunda vez, no dia 12 de outubro, o Papa sabia que não encontraria o mesmo País de 1980. As multidões que o acompanhariam passaram pela campanha das diretas-já, pela ladainha de promessas eleitorais, pacotes e confiscos, mas naufragaram em recordes de inflação e concentração de renda. Acreditam menos em milagres, inclusive os da fé católica. Nos últimos onze anos, o índice de brasileiros católicos baixou de 89% para 85% e menos de 10% dos batizados frequentam as igrejas em áreas metropolitanas, segundo a CNBB. As seitas evangélicas avançaram, no mesmo período, de 6,6% a 8% da população, prometendo cura para as angústias imediatas. O "Viking de Deus" Karol Wojtyla fez a sua segunda cruzada num Brasil mais pobre de pão e de esperança e menos católico que em 1980.

Textos: Geraldo Hoffmann



Foto: Dócio Freitas Zero

## Empresas lucram, ambulantes têm prejuízo

Tudo foi arrumado, por meia dúzia de espertos, para que o povo não fosse a Florianópolis ver o Papa: o povo não foi. Para desespero dos camelôs.

Foram tantos os empecilhos inventados, tantas as providências tomadas para evitar que a invasão da Ilha porromeiros se transformasse em catástrofe, que aconteceu o óbvio. Na madrugada do dia 18, quando os 600 mil visitantes deveriam tomar de assalto a capital sitiada, antevia-se o fiasco. Havia mais vendedores ambulantes do que peregrinos disputando um lugar no aterro da Baía Sul. Ao amanhecer, as barracas e carrinhos se multiplicaram e, na hora da missa, calcula-se que estavam em ação cinco mil vendedores de alguma coisa, um para cada grupo de doze fiéis.

A Irmã Tereza Zacararu, que veio de Cascavel-PR para assistir à beatificação de madre Paulina, mostrava-se "surpresa com a pouca gente". A paulista Ivonete Régis de Oliveira estava indignada: gastara Cr\$ 650 mil para abastecer uma barraca de cachorro-quente, algodão-doce e maçãs do amor e vendeu apenas onze lanches. "Não dá nem para cobrir o alvará de Cr\$ 8.800,00. A Xuxa reúne mais gente que a madre", comparava.

O dono da pizzaria Aeroflop, Antônio Domingos, dizia ter investido Cr\$ 1,3 milhão de massas, camarão e refrigerantes para atender à multidão faminta, mas vendeu apenas uma fatia de pizza. Ameaçava espalhar "maná" no aterro. Ele e cerca de 600 vendedores autorizados queriam processar a prefeitura que permitira a invasão dos ambulantes e culpavam a imprensa de ter ajudado a terrorizar o público.

**Dignidade** — O protesto dos camelôs não chegou a pôr em risco a segurança dos fiéis. O único princípio de tumulto ocorreu quando o ex-oficial do Exército, Luiz Carlos Balreira, discordou em voz alta do sermão em que João Paulo II pedia mais santos para o Brasil: "O Papa é otário. O povo precisa é de dignidade", gritou, antes de ser algemado. Longe do altar e das câmeras, a polícia prendeu naquele dia 30 menores "por furto", agressão, desordem ou mesmo por estarem em situação irregular ou passando mal".

"Passar mal" por falta de alimentação também foi uma das doenças mais diagnosticadas nos postos de saúde improvisados no aterro, segundo informação de médicos. Havia casos de desnutrição mesmo e outros de fervor religioso, em que a pessoa preferia desmaiar de fome a perder o melhor lugar onde ver o Papa.

Era o caso da viúva Erica Vieira, 55 anos, que veio de Lages e ficou dois dias plantada no aterro da Baía Sul, enrolada num cobertor: "Depois de ver o Papa estou pronta para morrer", dizia.

Não se pode culpar o povo por ter acreditado nas ameaças contra as quais foram tomadas providências de Cr\$ 720 milhões, para a alegria de meia dúzia de empresas contratadas, sem licitação, para maquiagem das favelas. Nem os 80 mil "cristãos de primeira classe" que receberam convites especiais compareceram. "Sobreram cerca de trinta mil hostias", segundo o padre Walter Goedert, coordenador da pomposa liturgia visível à multidão apenas através de binóculos.

A ausência de público não revelou apenas o exagerado esquema de segurança, que transformou a previsível exploração comercial da visita em catástrofe financeira inevitável aos camelôs. Denunciou também uma contradição nada cristã: sobravam pães e hostias e tinha gente desmaiando de fome no aterro, diante das autoridades. E como disse um padre: o Papa vai embora e os pobres ficam no Brasil.



## Dom José critica omissão do governo

**D**om José Gomes atravessou o estado para entregar ao Papa João Paulo II uma cruz de madeira e uma barraca de lona. Neste gesto resumiu sua opção religiosa, seus 30 anos de bispado, e uma escolha profunda e amarga em defesa dos agricultores sem terra e sem nada.

"Devemos fazer um esforço contínuo para despertar a consciência do nosso povo, a coisa não está boa e o verdadeiro cristão não pode ficar parado", diz Dom José, que continua o seu trabalho visitando as comunidades, conversando com os agricultores, observando os problemas de perto e dando o apoio e a esperança que o povo espera do representante da Igreja.

Defensor da ala progressista da Igreja Católica, dom José aponta para as dificuldades que esta facção encontra para atingir seus objetivos que, segundo ele, são a defesa dos pobres e marginalizados, e o apoio para pressionar as autoridades na resolução dos problemas sociais.

Para ele, o descaso das autoridades para com o povo é uma vergonha, e a Reforma Agrária é uma questão que não interessa ao governo, "Nada de concreto acontece, os planos estão só no papel, o desamparo frente aos pequenos agricultores é brutal, e o governo se mostra incapaz e insensível. Não tem definição política".

Dom José viajou muito nos últimos anos, e afirma que depois de conhecer tantos modelos de política social dos países, observou que no Brasil não existe equilíbrio: a desordem anda solta em todos os setores da sociedade.

Defensor de uma Reforma Agrária planejada, o bispo não poupa críticas ao latifúndio: "Sem redistribuir as terras dos latifúndios não há reforma agrária. A reforma agrária depende de uma decisão política no sentido de fazer com que aquele que está no campo crie raízes no campo, possa viver com dignidade, evitando-se assim o êxodo rural".

A criação de uma legislação que garanta a desapropriação de áreas improdutivas, uma lei que dê forças ao Governo para fazer a Reforma Agrária com critérios justos e científicos é uma das preocupações de dom José. Ele aponta o abandono dos agricultores sem recursos sequer para cultivar. As ocupações de terras, para ele, fazem parte de uma estratégia que visa resolver os problemas, não só dos que acampam, mas de todos os que sofrem do mesmo mal. Em resposta às acusações de que a Igreja tenha incentivado as invasões ele afirma: "A Igreja e a Comissão Pastoral da Terra jamais organizaram ocupações de terras, defendemos o direito do agricultor de usar suas estratégias para a conquista da terra, mas nunca mandamos invadir. A violência não nos inspira".

Dom José, na sua luta constante, já recebeu várias ameaças de morte, mesmo assim declara com firmeza: "Isso é coisa do passado, não dou atenção às ameaças por que a minha obrigação é anunciar o evangelho e a Justiça Divina, pouco me importa que o cumprimento do nosso dever de defender os direitos sagrados incomode a alguém".

Dom José Gomes foi coordenador da Comissão Pastoral da Terra de 1983 a 1987 e apesar de seus 70 anos de idade é um dos bispos mais ativos na luta dos sem terra no país.

Adriane Canan



Fotos: Deise Freitas Zero

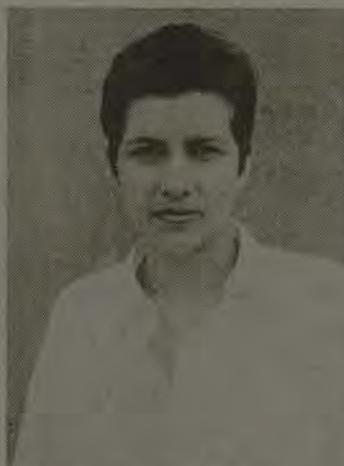


Jacques Mick Zero





Roberta: "esperar"



Raquel: "sem futuro"



Kelly: "exterior não"

## Quem pode vai, mas a crise fica

Sucesso, muito dinheiro, beleza e alegria... mais alguma coisa? Sim, a apresentadora Xuxa quer algo mais: um país onde possa ser mais respeitada e bem tratada, um país menos violento e mais alegre. Seu desencanto e decepção com o Brasil foi estampado nas capas dos jornais e revistas, onde admite que chegou à conclusão de que os problemas do país atingem literalmente a todos. Ela está insatisfeita. "Não me sinto constrangida por ser rica no meio da pobreza, porque trabalho muito e mereço o que ganho. Estou, sim, desanimada, triste cansada e decepcionada com o país". A rainha dos baixinhos diz estar em "momento de reflexão" com relação a seu futuro, e pensa em "fugir" para Buenos Aires ou Estados Unidos.

Se Xuxa, a 37ª fortuna artística do mundo, segundo a revista americana Forbes, está indignada com a situação e a maldade no Brasil ("As pessoas matam por um tênis e roubam cabelos", espantase), como ficam os 30 milhões de trabalhadores brasileiros que vivem de salário mínimo? Vão todos para Buenos Aires

ou Estados Unidos? Para Romeu Tuma, delegado geral da Polícia Federal, Xuxa e os outros brasileiros têm obrigação de suportar isso tudo, ou até mais.

Xuxa pensa em deixar o Brasil por causa da violência, falta de segurança e porque está muito triste. "Há cinco anos não sei o que é andar sozinha", diz. "Onde vou tenho seguranças me cercando, vivo sobressaltada".

Enquanto isso, de acordo com informações do agente federal Antônio Gomes, em Santa Catarina a saída para exterior é, na maioria das vezes, para fazer turismo no exterior — ao contrário de Xuxa. Antônio diz que é em Criciúma, Içara, Tubarão e região que as pessoas saem do país em busca de trabalho, o que também não é o motivo pelo qual a "loirinha de 19 milhões de dólares" quer ir embora.

E então, o que fazemos: ficamos aqui lutando por uma situação melhor e "morremos pela Pátria", ou saímos de fininho pelo aeroporto mais próximo?

**Saída é o aeroporto?** - Para Laine Valgas, 18 anos, estu-

### Quem não pode tomar a saída do aeroporto, tem que agüentar a crise brasileira

dante de jornalismo, fugir dos problemas não é a solução, "cada um deve criar consciência do que pode fazer para melhorar o país". Ela acrescenta que se todos resolverem sair do Brasil a situação vai piorar. Roberta Carvalho Sandreschi, 19 anos, também estudante de jornalismo diz que não é fugindo que vamos melhorar alguma coisa: "temos que esperar por alguém, que quem sabe um dia, mude esse país".

Já o estudante de automação e administração, Frederico Mesquita, 20 anos, está totalmente descrente com a situação brasileira: "quando terminar a faculdade vou embora para o Canadá e só volto quando tiver dinheiro". Ricardo de Brito, 22 anos, con-

sidera ir embora do país uma "opção válida, já que o ensino aqui está tão ruim". Ricardo recebeu proposta para trabalhar em um haras nos Estados Unidos, ganhando mais dinheiro do que ficando aqui e trabalhando como engenheiro agrônomo — curso que faz atualmente. O estudante de engenharia elétrica, Anselmo Malagoli, 24 anos, vê a idéia de deixar o Brasil como "uma saída", mas acha que antes, todos tem que tentar colaborar para mudar a situação: "depende de cada um de nós mudar a nossa mentalidade e deixar de lado a idéia de abandonar o Brasil". Kelly Kreis Taglieber, estudante de arquitetura, 18 anos, defende a idéia de que cada um deve fazer sua vida em seu próprio país: "no exterior um estrangeiro é visto como mão-de-obra barata". Para Ricardo Casa Grande, 18 anos, a real saída é "o pessoal criar vergonha na cara e deixar de sacanear o país". Ele acha que desta forma, teremos mais vontade de viver aqui. O professor de jornalismo, César Valente, diz que por mais que a crise seja complicada, não é saindo do Bra-

sil que vamos escapar dela; "mesmo quando se está fora do próprio país, se tem o estigma da Pátria". César acha que cada um tem a responsabilidade de fazer algo, de não se omitir, de não ser covarde. Ele espera que daqui a mais algum tempo, tenhamos na nossa história gente que conseguiu lutar contra esse "baixo astral geral".

Tá faltando é ânimo pra galera poder batalhar", diz Raquel Elterman, estudante de jornalismo, 19 anos. Ela concorda que com a atual situação que o Brasil se encontra, a solução é o aeroporto, pois qualquer jovem desanima vendo como estão a política, economia e acaba se vendo "sem futuro". Victor Carlson, fotógrafo, 20 anos, já esteve na França e pensou em ficar por lá. Mas, segundo Victor, existe um bloqueio em relação à estrangeiros no exterior e "a vida lá fora é muito cara". Mesmo assim, ele não descarta a possibilidade de sair do Brasil, estudar fora e ter uma vida melhor, "já que não tenho muita esperança por aqui".

**Maria Paula Pereira**



Anselmo: "tentar"



Laine: "consciência"



Victor: "sem esperança"

# Americano cria jornal e polêmica

## Novaiorquino discute o pólo tecnológico e faz jornal na Lagoa

Florianópolis ganhou, em agosto do ano passado, um jornal que promete ser, a curto prazo, a pedra no sapato das autoridades municipais. Acostumada com a mesmice dos jornais de bairro, a população de Florianópolis, e principalmente a da Lagoa da Conceição, já vê na Folha da Lagoa o porta-voz das denúncias contra o meio-ambiente e das reivindicações para a comunidade. Por trás de tudo isso está o jornalista norte-americano Jeffrey Hoff, há pouco mais de seis meses no Brasil. Jeffrey Hoff carrega um currículo longo de coberturas internacionais para vários veículos da Imprensa americana. Já fez reportagens sobre a guerrilha dos "contras" na Nicarágua em 83, sobre a transição democrática no Paquistão, além de matérias no Egito, Índia e Afeganistão. No Brasil, cobriu a campanha pelas diretas-já, viajando por várias regiões do país em 84. Até 1986, foi correspondente da agência internacional Interpress Service, que cobre, na sua maioria, países do Terceiro Mundo e mantém grande parte dos seus jornalistas na América Latina e África. Hoff, de 32 anos, já trabalhou como repórter free-lancer para o The New York Times, um dos jornais mais respeitados do mundo e tem encomendadas várias reportagens sobre o Brasil para revistas americanas.

Mas toda a energia do seu trabalho tem sido desviada para a Folha da Lagoa. "É uma aventura cobrir guerras, mas eu prefiro o jornalismo comunitário. Você está escrevendo para pessoas que vão ler sobre os problemas delas próprias", explica. Nascido em Nova York, Hoff divide o Conselho Editorial do jornal com outras pessoas.

ZERO — Nos Estados Unidos você tinha algum tipo de militância política e ecológica?

Jeffrey Hoff — Nos últimos doze anos eu fui apenas um jornalista. Eu tenho a concepção de que jornalista não pode participar diretamente em movimentos políticos. Ele tem que cobrar, tem que fazer reportagens sobre movimentos independentes e sobre o trabalho do governo. Isto para mim é o trabalho do jornalista.

ZERO — No caso específico da Folha da Lagoa, jornal editado por você, como fica separado o trabalho do jornalista do militante junto à comunidade?

J.H. — Estamos escrevendo agora sobre os projetos que os grupos da Lagoa, como a Amola (Associação de Moradores da Lagoa), por exemplo, têm. Há vários grupos que estão lutando, para preservar o meio ambiente da Lagoa da Conceição, lutando para melhorar escolas, serviços de saúde. Se o Governo está dizendo "ah! nós vamos conseguir esgoto para a Lagoa", "o governo vai criar um parque para a Lagoa", o jornal tem que cobrar do governo e ver como e quando ele vai fazer isso. Este é o papel de um jornal.

ZERO — Como a comunidade da Lagoa da Conceição recebeu o fato de que o único jornal de lá é feito por um norte-americano? Você já sofreu algum preconceito por ser americano e estar militando — por exemplo, fazendo um jornal — e se interessando pelos problemas brasileiros?

J.H. — Felizmente, nunca tive problemas ou encontrei alguém que falou "ah! mas você é um americano. Você não tem direito de fazer isto aqui!". Acho que por várias razões. A Lagoa é uma comunidade bem pequena, muitas pessoas já me conhecem. Acho que os moradores estão percebendo que este é um jornal para eles. A primeira página do número zero tinha um artigo dizendo que a gente queria abrir espaço para outras pessoas escreverem, con-



Jeffrey Hoff critica os jornais catarinenses

**“Se o governo promete que vai fazer um esgoto, o jornal tem que cobrar”**

tribuírem. A gente está tentando fazer um processo bem fácil para eles, deixando cadernos em vendas, bares, restaurantes, posto do correio, cabeleireiro, onde as pessoas possam escrever o que elas quiserem: reclamações, idéias, fofocas, denúncias. A cada duas semanas nós pegamos estes cadernos. As pessoas estão percebendo que este não é um jornal só do Conselho Editorial. É um jornal comunitário, para todo mundo. É difícil porque a Lagoa é uma comunidade muito misturada, mas o jornal está tentando atingir todo mundo lá. É difícil ter uma página para todo mundo, mas os problemas de escola, saúde e lixo são de todo mundo. O jornal não está dando razão para as pessoas se acalmarem. Estou sempre procurando críticas para o jornal, e há várias delas. Mas o que a gente quer mesmo é criar um jornal comunitário, criar um espaço para outras pessoas usarem.

ZERO — Em relação ao artigo, que na sua versão foi censurado pelo jornal Diário Catarinense porque discordava da sua posição em relação à instalação do Pólo de Informática no Horto Florestal do Córrego Grande, o que realmente aconteceu? O que o DC alegou quando se negou a publicar o artigo escrito por você?

J.H. — Tem que ficar claro que eu escrevi o artigo antes de existir a idéia de criar a Folha da Lagoa. Isto foi em junho e o primeiro número, o número zero, saiu em 1º de agosto. Eu escrevi este artigo porque, como repórter em Nova York, eu tinha muita experiência escrevendo sobre projetos de de-

envolvimento, de projetos do governo para construir pólos de informática como o que estão construindo aqui. Quando eu li que o governo e outras pessoas estavam dizendo que nos EUA e Europa têm muitas áreas de preservação que estavam sendo usadas para construir nelas escritórios privados, parques tecnológicos, pólos de informática, eu achei isto um absurdo (risos). Eu conheço bem os Estados Unidos e um pouquinho da Europa também. Felizmente ele está muito errado. Um país, um estado, um município, cria áreas de preservação para preservar e não para criar escritórios para companhias privadas. Isto é mentira. Talvez haja um ou dois exemplos, mas eu não conheço.

Havia também outros problemas, como o processo como vinha sendo conduzida a discussão, sem Rima (Relatório de Impacto Ambiental), sem reuniões com a comunidade. Parecia que estavam sentados numa sala a portas fechadas, com o mapa da Ilha, dizendo: "ah! este é um bom lugar. Vamos lá!". A cada três dias era escolhido um outro local e obviamente não existiam relatórios sobre impacto do projeto nestes lugares. Parece que o processo de escolher o lugar para o Pólo foi um absurdo. Eu escrevi um artigo bem simples, não foi polêmico, até eu acho que foi muito "soft". Foi a minha contribuição.

ZERO — E o fato do jornal não ter publicado o artigo lhe chocou em relação à liberdade de expressão?

J.H. — Eu escrevi uma carta para Luiz Figueiredo, editor-chefe do DC, quando ele me contou que o jornal não podia usar o artigo porque o DC tinha uma outra linha editorial. Eu disse para ele que achava que a página de Opinião foi criada exatamente para ter opiniões de vários lados, um debate sobre um assunto. Foi um susto meio pequeno porque eu estava lendo os jornais aqui. É óbvio que os jornais comunitários da Ilha e do estado não têm páginas de Opinião muito polêmicas. Para mim, o conceito de liberdade de expressão é muito importante porque é o meu trabalho. Eu não gostei disso. Não só para mim pessoalmente, mas também para toda a comunidade. É responsabilidade do jornal criar espaços para várias opiniões. Se o jornal não quer criar espaço é absolutamente antidemocrático. Isto é triste, muito triste.

ZERO — Se nos Estados Unidos, um brasileiro, um japonês, uma pessoa de qualquer nacionalidade quisesse publicar um artigo de opinião contrária à do jornal, o veículo censuraria?

J.H. — Acho que não tem nada a ver com a nacionalidade da pessoa. Isto não importa. Os EUA é um país de imigrantes: quase todo mundo lá ou é imigrante ou é filho, neto de imigrantes. Eu estou morando aqui há menos de seis meses, mas isto não importa. Eu sei que eu vou morar aqui, eu quero participar da comunidade, já tenho família aqui. Não importa se eu não sou brasileiro. O mundo é muito pequeno e eu, como novaiorquino, cidade de imigrantes, não tenho este preconceito de que "ah! ele é americano", "ele é brasileiro".

Acho que a censura em páginas de opinião poderia acontecer lá, mas só em jornais bem pequenos, bem comunitários, mas acho que isto é muito raro, porque as páginas de opinião em jornais bem menores que o DC têm tradição de debates, de opiniões de vários lados. A maioria dos jornais norte-americanos tem duas páginas de editorial: uma página para a opinião do próprio conselho editorial do jornal e outra página para outras pessoas escreverem, como articulistas. A maioria dos jornais sérios

do país tem articulistas com várias opiniões: de esquerda, de direita, não importa. Noventa e cinco por cento dos jornais criaram espaço para outros pontos-de-vista.

Eu escrevi uma carta para Luiz Figueiredo, do DC, dizendo isto. É responsabilidade do jornal. O jornal, por exemplo, está ganhando muito dinheiro vendendo espaço para o governo. Jornal não é negócio, ele tem responsabilidade social para com a comunidade. Nós podemos abrir o DC hoje e ver que há muito espaço nas primeiras dez páginas para anúncios do governo. O governo sabe que o jornal está pegando milhares de pessoas na comunidade. O jornal tem que usar a responsabilidade que possui de forma justa, democrática.

ZERO — O Pólo de Informática não foi para o Córrego Grande, mas será instalado em outros locais. O que a Folha da Lagoa pretende fazer? Vocês continuarão fiscalizando? Quais são as prioridades do jornal daqui adiante?

J.H. — Eu, pessoalmente, tenho muito interesse no Pólo Tecnológico porque vai ter um impacto grande na Ilha. Estou lendo e conversando com várias pessoas sobre isso. O jornal já tinha publicado um artigo sobre o novo zoneamento no Campeche que inclui um dos três parques tecnológicos. Parece que o governo vai usar um lugar no Saco Grande para o primeiro pólo. Não sei se o jornal vai ter um artigo sobre isso, porque não tem um impacto verdadeiro sobre a Lagoa. O jornal tem interesse na isenção do ICMS, porque há muitos empresários e comerciantes na Lagoa que estão pagando. Queremos saber porque tem gente pagando e outras não.

**“Eu escrevi um artigo bem simples sobre o pólo. Não foi polêmico, foi até soft”**

ZERO — Qual é a diferença mais gritante entre a Imprensa norte-americana e a brasileira no que se refere à liberdade de expressão e pluralidade de idéias? Como é o Jornalismo nos Estados Unidos?

J.H. — Acho que a diferença mais importante é a de que lá existem leis, regras, que deixam claro que todo trabalho de qualquer governo é público. Quase todos os documentos que o governo possui, a Imprensa e o povo têm que ter acesso a eles. São poucas as vezes em que um repórter tem que abrir um processo contra o governo para poder ter acesso a um documento. Na maioria das vezes o repórter pode chegar no escritório de um governo e pedir informações. Então ele vai ganhar relatórios, cartas, agendas. Aqui é muito diferente. Parece que não há regras claras de que o repórter tem direito de ter acesso aos documentos do governo. A Imprensa daqui — DC, O Estado —, não está pedindo para ver estes documentos. Isto não é um problema só do jornal, e sim de toda a sociedade, da democracia. Para mim o papel do jornal é fazer a ligação entre o governo e o povo. Aqui é diferente: o governo está comprando espaço no jornal para divulgar só os projetos bons, mas o jornal não está, na maioria das vezes, fazendo reportagens a fundo sobre os projetos do governo. Isto é triste.

ZERO — Atualmente nos EUA, como se encontra a Imprensa dos chamados grupos minoritários como negros, homossexuais, latinos, índios? Há espaço para eles?

J.H. — É bem difícil, mas tem. Os jornais dos grandes empresários estão percebendo que têm que abrir espaço para repórteres “black”, repórteres-mulheres. É um processo vagaroso. O país tem feito bastante pesquisa nos últimos anos para saber quem são as fontes dos repórteres. Descobriu-se que as fontes são, na maioria das vezes, homens



Victor Carlson Zero

Davi e Golias: Folha da Lagoa incomoda muita gente

brancos, de 40 a 50 anos. Se o repórter falar com mulheres, negros, pouco a pouco, a perspectiva do jornal vai mudar. Mais ainda vai levar muito tempo. O racismo é um problema muito forte lá.

ZERO — Mas a mentalidade do norte-americano não está mudando? Há 20, 25 anos o racismo era muito presente e inclusive havia organizações próprias com este fim...

J.H. — O racismo ainda é muito presente; é um dos três problemas mais fortes do país. De vez em quando o governo nomeia um secretário, um ministro negro, mas é só uma pessoa. É óbvio que a maioria das pessoas que está morando na pobreza é negra, mãe solteira e hispânica vinda do México, Porto Rico, República Dominicana. As regras e as leis que foram feitas há 20 anos para criar direitos para os negros e mulheres estão enfraquecendo nos últimos oito anos. Os negros estão perdendo e não estão reivindicando os direitos. É triste, bem triste. A cada ano mais negros e mais mulheres estão vivendo na pobreza. O país não tem solução para estes problemas, porque mais pessoas estão morando na pobreza.

ZERO — E como o governo Bush está lidando com esta situação?

J.H. — O presidente Bush está dando muito apoio para destruir as leis que protegem os direitos dos negros e mulheres: direitos para guardar espaço para trabalho. Ele não gosta destas leis. Ele acha que o mercado para emprego, educação, tem que ficar aberto, tem que ter concorrência. Ele não quer guardar espaço para negros, mulheres e hispânicos.

ZERO — Como os norte-americanos vêem a “invasão” cada vez maior de latinos nos últimos anos para os Estados Unidos?

J.H. — Tem várias cidades como Nova York, Los Angeles, Chicago ou Miami, onde há bairros grandes só de hispânicos. Há imigrantes legais e milhões deles, ilegais. Como eu disse, o país tem grande experiência com imigração, mas tem um grave conflito: quase todo mundo lá é imigrante, ou neto de imigrantes. Miami tem muitos problemas entre negros e hispânicos, entre cubanos e porto-riquenhos. Mas acho que os EUA não são muito diferentes da Índia, por exemplo, onde você tem muitas culturas, línguas diferentes. Há uma grande campanha dos empresários americanos para abrir mais espaço para a imigração, principalmente da Ásia. A mão-de-obra é mais barata.

ZERO — Qual é a imagem que a imprensa e a população dos EUA fazem do brasileiro?

J.H. — Talvez o New York Times tenha um ou dois artigos por mês sobre o Brasil. Mas não são assuntos importantes para os brasileiros, geralmente são coisas engraçadas. O americano tem muitos estereótipos sobre os brasileiros. Eles sabem sobre a Amazônia, samba e Rio. Eles não sabem que São Paulo existe, que Florianópolis existe. Não conhecem os problemas do Brasil e não têm muito interesse, não importa para eles. Nos cadernos de negócios há artigos sobre a dívida, mas só de vez em quando. Os americanos não têm idéia real sobre o modo de vida aqui. Acham que todo mundo é muito pobre, que todos moram em favela, que ninguém tem carro.

**“Jornal não é negócio. Um jornal tem que ter responsabilidade social”**

ZERO — Você teve alguma formação acadêmica? Estudou jornalismo?

J.H. — Lá você não tem que fazer a faculdade de Jornalismo para trabalhar como jornalista. Eu sei que existe um debate sobre isso no Brasil, mas acho que o direito de expressão é tão importante que não concordo que só as pessoas que fizeram faculdade possam trabalhar como repórteres. Acho que todo mundo tem direito a fazer reportagens, escrever para jornal. Lá a gente não tem estas regras. Eu fiz faculdade de História. Dei aulas na faculdade de Jornalismo, mas sempre dizia para os meus alunos que eles poderiam ser repórteres mesmo fazendo faculdade de Ciências Políticas, História. Para mim, jornalismo é como uma arte. Quase qualquer pessoa pode aprender como escrever, fazer entrevistas. Mas, o mais importante é entender como se dão as relações na sociedade, como o governo está funcionando.

ZERO — Mas este debate sobre o diploma não ocorre nos Estados Unidos? Lá existem muitas das mais famosas escolas de Jornalismo...

J.H. — Não existe este debate lá. Você não tem que ir para a escola para trabalhar como repórter. A maioria das pessoas que frequentava a escola de Jornalismo nunca trabalhou com esta área: iam trabalhar em agências de publicidade, relações públicas. Repórteres lá não ganham muito dinheiro, só mesmo quem trabalha nos dez maiores jornais do país. Os jornais compram material das agências de notícias nacionais e internacionais. Muitas cidades só têm um jornal e não há muita concorrência. Na época do Caso “Watergate”, todo mundo queria trabalhar como repórter. Isto foi há 20 anos. De cinco anos para cá, o jornalismo ficou menos popular.

Entrevista: Ana Cláudia Menezes

## Jornalismo em quatro abordagens

O Relógio de Pascal sistematiza um trabalho pioneiro realizado nos últimos dois anos por Caio Túlio Costa, rememorando sua experiência como "ombudsman" da Folha de São Paulo. A leitura do livro é obrigatória para todos os profissionais em jornalismo e alunos de comunicação, por dois motivos. Além de ser um trabalho inédito no Brasil, apresenta uma visão da importância de um jornal em reconhecer seus erros.

O livro tem alguns deslizes. Quando Caio Túlio Costa relaciona a família Bittencourt com os Nascimento e Brito, donos do JB, por exemplo, não considere. A família Bittencourt foi proprietária do jornal Correio da Manhã, o primeiro jornal a se manifestar contra o Golpe de 64, sendo mais tarde, fechado pela ditadura.

Outro livro indispensável é o Campeão de Audiência de Walter Clark que conta a história da Rede Globo, numa visão pessoal. No livro Clark conta sua história sobre o relacionamento do rádio e da televisão nas décadas de 50 e 60. Outro momento importante é quando Clark lembra a importância que a TV Rio e a TV Record tiveram na formação dos atuais profissionais da televisão brasileira, que hoje poucas pessoas conhecem. É um pouco da memória brasileira.

Quem lê Walter Clark por Gabriel Prioli não pode deixar de ler CNN História Verdadeira de Hank Whittemore. Vale por tudo: pela comparação, pela história e principalmente pelas últimas páginas. E por último, quem anda com Fogueiras de Vaidades de Tom Wolfe debaixo do braço, não pode deixar de ler De Beirute a Jerusalém de Thomas Friedman, principalmente para entender o trabalho de um repórter em zonas de conflitos, as tradições judaico-cristã, os conflitos no Oriente Médio e como pensam os árabes. Leia logo.



# CULT

## De Palma incinera na tela a Fogueira de Tom Wolfe



### Diretor faz do filme um desfile de caricaturas

O jornalista Paulo Francis acertou em cheio quando escreveu no prefácio de *A Fogueira das Vaidades* de Tom Wolfe que: "o livro é um best-seller, já foi vendido para Hollywood (que o arruinará devidamente, como sempre)". Não deu outra; o filme homônimo que chega agora às locadoras é no mínimo um equívoco caricato de um dos melhores romances da moderna literatura americana.

Raramente filmes feitos a partir de livros conseguem satisfazer quem antecipadamente leu a obra literária. É aí que entra o talento do diretor na busca da universalização cinematográfica. O diretor de *A Fogueira das Vaidades* (*The Bonfire of the Vanities*, EUA, 1990), o afamado Brian de Palma, prova que seu negócio é mesmo a réfil-magem. O maior sucesso do diretor, Os Intocáveis, foi feito em cima de uma série para televisão recheado com "citações" do cineasta russo Eisenstein. O outro sucesso, *Dublê de Corpo*, é uma união de dois filmes de Hitchcock; *Um Corpo Que Cai* e *Janela*

Indiscreta. Talvez se um outro diretor tivesse feito *A Fogueira das Vaidades* antes o resultado fosse melhor.

O troço de Brian de Palma começa na escolha do elenco. Tom Hanks (*Quero Ser Grande*) é o protagonista, só que não lembra em nada o personagem Sherman McCoy descrito por Tom Wolfe no livro. Nem recursos de maquiagem foram usados para deixar o ator com o queixo protuberante, uma das maiores características de McCoy. Franzino e com os cacoetes de comediante, Hanks não é nem de longe um executivo de Wall Street.

O livro de Tom Wolfe trabalha principalmente com a presunção humana. Pegue Nova Iorque, junte muito dinheiro, uma amante, uma eleição e jogo de interesses por todos os lados. A fórmula não tem nada de novo, mas foi escrita com raro talento. O livro tem uma descrição incrível dos personagens e cenários. O racismo entre judeus, negros, irlandeses, italianos, latinos, protestantes, é abordado com isenção. O que tem de bom no livro, no filme sequer é lembrado.

Bruce Willis (*Duro de Matar*) é o jornalista inglês Peter Fallow, no filme, narrador da história. A caricatura é tão grande que em nenhum momento Peter Fallow aparece sóbrio. O espectador fica imaginando como é que um bêbado daqueles consegue escrever ou mesmo ficar em pé. E o equívoco continua. Melanie Griffith (*Uma Secretária de Futuro*) é uma amante vinte quilos mais gorda e dez anos mais velha que a verdadeira Maria Ruskin imaginada por Tom Wolfe.

O roteiro, escrito por Michael Cristofer, se segura até um pouco mais da metade do filme e depois desanda. Para quem não leu o livro as coisas acontecem sem que se saiba bem o porquê. Em um dado momento, o protagonista Sherman McCoy (Hanks) está em uma festa e brinda o espectador com uma pérola do diálogo cinematográfico. Ele chama a esposa e diz:

— Quero que conheça Aubrey Buffin, o poeta candidato ao Nobel, tem AIDS, vai adorá-lo!

Depois de duas horas e seis minutos de filme, não poderia faltar o hollywoodiano final feliz e conservador, não existente no best-seller. Só aí, então, que o espectador vai entender porquê a tarja "comédia" acompanha a fita. É uma alegria incontrolável apertar o stop, rebobinar a fita e ir correndo entregá-la de volta à locadora.

**Romir Rocha**

# Nitroglicerina pura!

Na opinião de Collor, este é o resumo da "inocência infantil" de sua ex-ministra

**É** por conter revelações detalhadas do caso de amor entre a ex-ministra e Bernardo Cabral que Zélia, Uma Paixão se tornou o livro mais procurado do país. Desde o seu lançamento, no dia 17, dez mil exemplares foram vendidos e outros vinte mil já estão a caminho das livrarias. O romance biográfico, escrito por Fernando Sabino e autorizado por Zélia Cardoso de Mello, é um depoimento da protagonista sobre os acontecimentos e as pessoas com as quais conviveu durante os 14 meses que ocupou o Ministério da Economia.

No livro os depoimentos de Zélia se misturam a diálogos criados por Sabino. Num deles, Collor conta a Rosane sobre o romance dos dois ministros. Mal ele termina e a primeira-dama comenta: "Eu sabia que essa mulher ia acabar aprontando alguma. Ainda bem que não é com você". Mas nenhum dos detalhes do tumultuado romance saiu da imaginação do escritor. Tudo foi tirado das declarações da ex-ministra.

Zélia ficou impressionada com a gentileza de Cabral logo no primeiro encontro, desligando-se da imagem de "homem velho e barrigudo" que tinha dele até chegar àquele quarto do Maksoud Plaza Hotel, em São Paulo. Durante as reuniões ministeriais, os dois pareciam mais preocupados em trocar bilhetinhos. Num deles Cabral se deliciava com a saia curta da ex-ministra, que ainda ri quanto imagina que o bilhete poderia ir parar em outras mãos que não as suas, como por exemplo as do general Carlos Tinoco.

Margarida Procópio, ministra da Ação Social, já tinha percebido, assim como o restante do ministério, a troca de papeizinhos. "Só não sabia que o conteúdo era tão infantil e jocoso". E brinca: "A menina era mesmo quente". Todo o comportamento de Bernardo Cabral, inclusive a cena de ciúmes na famosa festa do bolero Besame Mucho, hoje é interpretado pela ministra como um joguinho para conquistá-la.

Conforme o livro, Cabral "queria o nome sempre vinculado ao dela, sem o que tombaria no anônimo e, portanto, seria um mestre na

arte de seduzir, ludibriar, fingir, tirar proveito". Zélia chegou a essa conclusão depois de passar dias escondida num hotelzinho de Paris, esperando por um casamento que não aconteceu: o seu. A deputada Beth Azize, do PTB amazonense, compartilha da mesma opinião. Ela diz que conhece bem o caráter do ex-ministro, e que "por mais de 500 vezes" ele já fez "esse negócio de namorar mulheres de projeção e depois dar um pontapé nelas".

O próprio Bernardo Cabral não aparenta estar preocupado com a repercussão do romance, mas está certo de que o livro foi uma tentativa de revidar as falsas promessas de casamento e filhos, que tinha feito à Zélia. No dia em que o livro foi lançado, ele comentou com um amigo: "A vingança dela teve efeito contrário. Zuleide (sua esposa) está cada vez mais unida a mim". Zuleide Cabral nunca comentou publicamente o assunto.

Irritado pela maneira com que aparece no livro da ex-ministra — sendo apontado com o grande adversário do plano econômico, Egberto Baptista arrematou sobre Zélia, Uma Paixão e sua protagonista: "Para mim isso não passa de resmungo de uma mal-amada. Graças a Deus não tive nenhum tipo de relação com essa moça. Sou um homem casado".

Há quem diga que o romance dos ministros era, na verdade, um triângulo amoroso, envolvendo também Eduardo Modiano. Realmente existiu um relacionamento entre a ex-ministra e o presidente do BNDES. Só que segundo Modiano, aconteceu num momento em que os dois estavam descomprometidos, e não durou mais que sete dias. Modiano, defi-



nido por Zélia como "uma doce figura", não aceita qualquer insinuação a respeito.

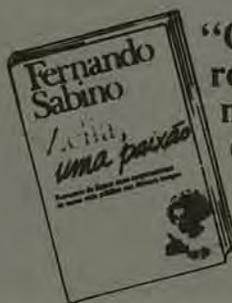
Nem todos concordam que a ex-ministra mantenha sua "inocência infantil", expressão mencionada nas primeiras linhas da apresentação de Zélia, Uma Paixão. Desde o lançamento do livro, o almirante Flores, de Brasília, insiste em afirmar que os dois ministros frequentaram juntos sua casa, mesmo depois de anunciado o fim do romance. Ambos foram à sua residência na mesma noite, tentando fazê-lo "acreditar que era apenas uma coincidência". E garante que "trocaram carícias de namorados assanhados", sob suas vistas.

Primeiro a receber um exemplar autografado, o presidente Fernando Collor ainda não expressou sua opinião sobre o livro. As críticas de Zélia aos Collor de Mello se restringem à primeira-dama e ao primeiro-irmão, Leopoldo. Zélia só se refere ao presidente com admiração, e faz elogios à sua voz.

No auge do envolvimento, os ministros decidiram comunicar ao presidente: "Nós nos amamos". Collor reagiu de modo patético: "Se ainda fosse o Cabrera..." Assim deixou escapar que se pelo menos fosse um ministro jovem e, principalmente, solteiro, a repercussão do romance repleto de viagens secretas e bilhetinhos não seria tão desmoralizante para seu governo.

Com o sucesso das vendas de Zélia, Uma Paixão, Fernando Sabino vai lucrar, só até novembro, 26 milhões de cruzeiros. O autor tem direito a 10% de cada exemplar, que atualmente custa Cr\$ 6.500,00. E a ex-ministra, que apostou nesse sucesso, vai manter sua popularidade em alta por alguns meses. Mesmo assim tem quem acredite que o objetivo dela era outro. O deputado Paulo Delgado, do PDT de Minas, acha que Zélia "queria proteger as outras mulheres do 'Boto Tucuxi', apelido que Bernardo Cabral ganhou graças à sua habilidade em conquistas femininas.

Ana Luiza Coelho



"O presidente, insone, certamente ficou rolando na cama, em luta com esses pensamentos (o romance Zélia-Cabral), erguendo-se, tornando a deitar-se. E é possível que a primeira-dama tenha estranhado a inquietação do marido: — que é que você tem hoje? Que bicho te mordeu?"

# Bienal De Quadrinhos

**Alguns dos  
maiores mestres  
estão no Rio**

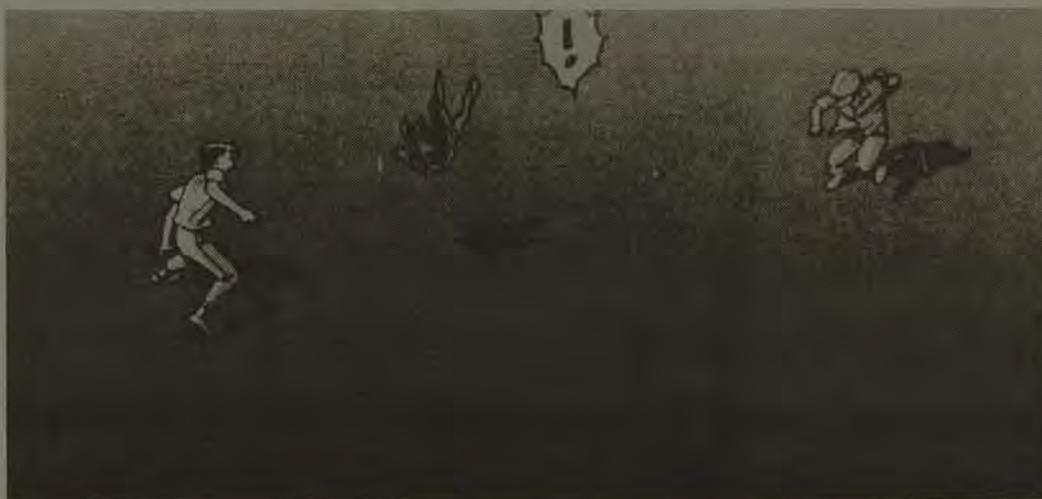
Maior evento do mundo no setor, desde 7 de novembro está no ar a 1ª Bienal Internacional de Quadrinhos do Rio de Janeiro. Apesar do pouco patrocínio (a prefeitura do Rio só deu um terço do valor que havia prometido) promete manter intacta a tradição do Brasil na área dos quadrinhos. Estão confirmadas 27 exposições — nos tradicionais salões de quadrinhos de Angoulême e Lucca o número dificilmente passa de 10.

A lista de convidados inclui o norte-americano Will Eisner (criador do *Spirit*), o uruguaio Alberto Breccia (colaborador das revistas *Linus* e *Alterlinus*) e a dupla argentina José Muñoz e Carlos Sampayo — da série *Alack Sinner*.

Da França, vem Jean Moebius Giraud, um dos principais nomes do quadrinho europeu nos últimos 20 anos. A exposição francesa será cenografada pelo desenhista Enki Bilal (*Os Imortais*). A inauguração foi no dia 31 de outubro e fica exposta até 5 de dezembro, na Casa França-Brasil, no Rio.

A Itália será representada por três exposições que homenageiam *Pinóquio*, o western *Tex*, criado há 43 anos pelo italiano Giovanni Luigi Bonelli, e artistas publicados pela revista *Linus* como Guido Crepax, Charles Schulz, Al Capp, Altan e outros.

O Japão mostra os trabalhos do desenhista Osamu Tezuka, considerado o pai dos quadrinhos japoneses, e faz uma re-



LER/VER

O talento de três mestres presentes na Bienal: Akira de Katsuhiro Otomo (ao lado), o traço inconfundível de Moebius e *Spirit*, antológico personagem de Will Eisner



trospectiva desde os pioneiros do início do século até as HQs contemporâneas (como *Akira*, de Katsuhiro Otomo).

A Inglaterra expõe trabalhos de Alan Moorer (autor de *Halo Jones*), Neil Gaiman (*Sandman*), Brian Bolland e outros. Tudo isto organizado por Paul Gravett, editor da revista *Escape*.

A exposição dos EUA apresenta 20 desenhos do cartunista iugoslavo Ivanovic, colaborador do *New York Times*, e 16 painéis de charges de desenhistas norte-americanos, entre eles Jules Feiffer e Gary Trudeau (*Donnesbury*).

A Argentina expõe 30 serigrafias de trabalhos de Alberto Breccia, enquanto Costa Rica mostra 68 desenhos de 13 artistas, entre eles Edmundo Lopes, Oki e Zelle.

O Brasil será representado por uma retrospectiva dos quadrinhos brasileiros no período de 1860 a 1960) e exposição com os trabalhos de Ziraldo (*Pererê*, *Bichinho da Maça*) e outra, que pretende dar uma visão do que foi a HQ brasileira nos recentes 20 anos.

A programação inclui mostras competitivas que darão o prêmio para HQ Ecológica (US\$ 5 mil), Desenhista Revelação e HQ Humor ((US\$ 3 mil). Também serão premiados o melhor fanzine e a melhor história em quadrinhos desenhada por crianças. A melhor HQ, nacional ou estrangeira, ganha o prêmio *Cidade do Rio de Janeiro* (US\$ 8 mil). E mole?

Josiane Laps



**Crônicas Americanas  
inova linguagem de  
documentário e impõe  
abordagem ousada  
da sociedade ianque**

## Um vôo rasante sobre a América

Um dia o escritor norte-americano Ray Bradbury embarcou no sonho do homem conquistar o universo. O sonho resultaria em um livro, Crônicas Marcianas, no qual Bradbury "aventura-se" sobre o velho sonho da humanidade: o planeta Marte. Ora, chegar lá equivaleria a conquistar uma boa porção do universo que se conhece. No livro, Bradbury polemiza sobre o que ocorreria quando os terráqueos chegassem em Marte. O homem não pisou lá ainda, mas pelo menos o livro de Ray Bradbury serviu de inspiração para as Crônicas Americanas, da dupla David Lynch-Mark Frost. Parceiros que criaram a surrealista Twin Peaks, cuja versão original de 30 capítulos a Globo resumiu em 11 sem maiores explicações.

Crônicas Americanas, que a Manchete exibe desde o dia sete de setembro, aos sábados, meia-noite e meia, parece propor-se a ser o olhar de um "extra-terrestre" sobre os Estados Unidos, com ênfase nos temas marcantes da vida e cultura norte-americana. Em Twin Peaks a dupla Lynch-Frost irrompe no mundo novelesco, criando uma trama ficcional de grande impacto junto ao telespectador, que se deixou seduzir com a pergunta central da trama: "Quem matou Laura Palmer?"

Em Crônicas Americanas, com 13 episódios, de 30 minutos cada, evidencia-se o mesmo estilo Lynch-Frost de recriar situações estereotipadas de novelas com uma linguagem inventiva e de dar a isso um tratamento diferenciado. Este estilo garantiu a qualidade técnica do documentário, que Mark Frost chamou de vídeo novel. Frost, envolvido atualmente com Lynch na produção de uma série cômica, On the air (no ar) para a rede ABC, que transmitiu Twin Peaks, afirma esperar que "a série represente uma nova direção para o formato documentário". E argumenta: "Estamos desenvolvendo uma nova forma de contar histórias e o que buscamos é um estilo hipnótico, impressionista, sensorial



e sensual".

Imagens superpostas, muitas fusões feitas lenta e gradualmente, e até closes de objetos, talvez para dar-lhes maior expressão simbólica, são outras marcas registradas no conceito cinematográfico ou videográfico de Lynch e Frost. São também, sem dúvida, parte importante do sucesso que Twin Peaks e Crônicas Americanas tiveram nos Estados Unidos. Alguns críticos norte-americanos afirmam que as duas produções são sinal de maturidade de Lynch, autor, entre outros, de Veludo Azul (86) e Coração Selvagem (90), e importante ponto de partida para produção solo de Marc Frost, que roda seu primeiro filme, Storyville, em New Orleans. Lynch está rodando seu novo filme, Ronnie Rocket.

Enquanto essas produções não saem — e quando saírem certamente vão demorar a chegar ao Brasil — o telespectador brasileiro terá até o final de novembro a oportunidade de viajar pela América pegando carona na câmera da dupla inovadora da televisão norte-americana, com narração precisa de Richard Dreyfuss. Lynch e Dreyfuss fizeram parceria perfeita no terceiro episódio, Manhattan ao anoitecer. Dentro de um táxi um locutor de rádio utiliza o som e perguntas em contato com os ouvintes. Enquanto passeia pela notada nova-iorquina e as pessoas dizem o que pensam da cidade, Dreyfuss "atua" com sua narração dando o equilíbrio final.

Mas isso não ofusca o brilho das cenas. O encanto de Nova Iorque está lá para ser admirado. Admiráveis também são os episódios Adeus carne e Olhar do observador, primeiro e segundo da série. O primeiro, mostra o carnaval de New Orleans, o Mardi Gras, retratando a sua origem e evolução, e o comprometimento das diferentes comunidades étnicas da cidade na festa pagã, que termina na véspera da Quaresma. "O olhar do observador" levou o espectador a um concurso de miss,

no Texas. O concurso, em que o sonho de vitória se confunde com o de fama e glória, flui em três etapas: desfile de trajes típicos, com marca pessoal das concorrentes; teste de conhecimento, ou seja cultura geral; e beleza e charme.

O concurso de miss de Crônicas Americanas deixa claro um divisor entre as misses de 1928, quando ocorreu o primeiro concurso, na França, e as de agora. Antigamente a preferência era pelas moças "rechonchudinhas". Este era o padrão de beleza feminino. Hoje, o perfil das candidatas é outro: para chegar à glória de ser miss nacional ou mundo a pretendente precisa minimamente reunir três "dotes": inteligência, charme e, principalmente, beleza. E, pelo que se viu até agora, preferencialmente branca e loira.

Mas estas considerações podem não estar nos objetivos de Lynch e Frost, nem a Manchete comprou a série para denunciar que branca ganha concurso de miss e negra não; certamente a emissora também não a exibe para denunciar a ambição hegemônica dos EUA, como entendem certos críticos brasileiros. A Manchete foi inteligente ao dar oportunidade ao telespectador que foi aviltado no seu direito, quando a Globo interrompeu, sem explicação, a exibição de Twin Peaks.

Quem tiver um pouco de paciência de ficar mais tempo acordado nas madrugadas de sábado para domingo não se arrependerá. Afinal, Lynch é hoje um dos cineastas mais perturbadores da atualidade, por ter conseguido impôr um novo tratamento ao tema do inconsciente no cinema e aliar esse enfoque com uma problematização da cultura de massas. Se Twin Peaks é uma "novelona surrealista", de linha hitchcockiana, Crônicas Americanas é um "super-documentário", que transporta o telespectador para o mundo emblemático da cultura yanque.

Pedro Santos



## Show lança primeira rádio via satélite

Um bom público compareceu ao show de lançamento da rádio Transamérica FM, em Florianópolis, no dia 21 de setembro. Inaugurando o sistema do rádio via-satélite, a Transamérica veio substituir a Musical FM e para isso programou uma grande festa com Biquini Cavadao, Expresso e Marcelo Nova, na Beira-Mar. Primeiro foram distribuídos alguns brindes para o público, que esperava ansioso o início do primeiro show, que não demorou.

Diretamente do Rio de Janeiro, o Biquini Cavadao subiu ao palco para mostrar os sucessos dos seus LPs, que ao vivo ganham mais força e parecem ficar mais consistentes. Contando ainda com a vantagem de ter um dos melhores vocalistas do rock brasileiro, Bruno Gouveia, o Biquini tocou todas as músicas que o público esperava ouvir e ainda incluiu no repertório duas músicas do novo disco: *Zé Ninguém* e *Impossível*. O público cantou junto o primeiro sucesso da banda, *Tédio*, totalmente reformulado, bem diferente da gravação registrada no primei-

### Transamérica veio com Marcelo Nova e Biquini Cavadao

ro disco. A banda, Miguel (teclados), Coelho (guitarra), Alvaro (bateria), Sheik (baixo), além de Bruno, ao que parece, está em sua melhor fase. E o público confirma isso se divertindo, enquanto Bruno convivia o pessoal que estava nas janelas dos prédios para descer e participar da festa da Transamérica.

**Zé Ninguém** — O show do Biquini foi muito bom, chegando a causar surpresa em alguns. E os pontos altos foram *Timidez*, a melhor da banda; *Meu Reino*, nova versão "dance", com *Você para mim*, de Fernanda Abreu, sendo citada; e *Zé Ninguém*, do novo disco, aonde Bruno canta: "... eu não sou ministro, eu

não sou magnata/ eu sou do povo, eu sou um Zé Ninguém/ aqui embaixo as leis são diferentes..." Ao repetir o refrão pela segunda vez, o vocalista trocou "magnata" por "primeira-dama", para atualizar ainda mais a letra.

Com a certeza de que conseguiu "animar a festa", o Biquini Cavadao deixou o palco e novamente o pessoal da Transamérica distribuiu brindes. E logo a banda Expresso mandou ver seu "rock rural com alguns temas urbanos". E mesmo com um repertório um pouco defasado, conseguiu empolgar a plateia com músicas como *Manhãs do sul do mundo* e *Velhas feridas*, sem dúvida as duas melhores canções da banda.

Já nas músicas mais rápidas, como *Tom natural*, o público pôde apreciar a ridícula dança de Daniel Luceña, vocalista-fundador da banda, que parecia estar num boteco em Nashville, capital mundial da "country music". Ao final, o show do Expresso não foi tão bom quanto o do Biquini Cavadao, mas serviu como entretenimento para aquele que foi,

ao mesmo tempo, o melhor é o menor show: Marcelo Nova seria a próxima atração.

**Bota Pra F...** — Mai s um intervalo para brindes e então Marcelo Nova entrou em cena ao som de *Eu não matei Joana D'Arc*, quase irreconhecível. Logo de saída, pediu e ouviu o famoso grito de guerra dos tempos do Camisa de Vênus: "bota pra f..." Marcelo estava com a corda toda e deu uma verdadeira aula de rock'n roll, daqueles que já não se ouve mais.

Apoiado pela banda Envergadura Moral apenas guitarra-baixo-bateria, o ex-líder do Camisa tocou *Deixe eu por meu carro na tua garagem*, a música de trabalho do seu novo disco, *Blackout*, e em seguida veio a melhor parte do show. Um medley três acordes" (lá, ré, mi), que nada mais é do que rock'n roll puro, básico, essencial, enfim. E logo de cara Marcelo ataca *Be-bop-a-lula*, de Gene Vincent, um clássico dos anos 50. Depois de *Simca Chambord* fez a ligação entre a música de Vincent com um outro clássico dos anos 50, *Whole lotta shakin' going on*, do Killer Jerry Lee Lewis, ídolo confesso de Marcelo. Continuando o "medley", outro ídolo de Marcelo Nova é homenageado: Raul Seixas, que morreu há três anos. *Rock do Diaboe Rock das Aranhas* encerram o "medley", fazendo o público lembrar o roqueiro que "avacalhava com toda a turma da esquina".

**Padrão Esquecido** — Uma pequena pausa para Marcelo "avacalhar" com o pessoal que está na frente do palco. E em seguida mais uma do Camisa de Vênus fez a plateia cantar. *Silvia*, a famosa piranha, serve para mostrar a técnica e competência do baterista Frankilin Paollilo a guitarra de Francis e o bairro de Calazans.

Para "descansar", Marcelo envereda pelas baladas. Primeiro com *Quando eu morri*, uma espécie de auto-biografia, e depois com uma pretenciosa versão de *Maluco Beleza*, uma das muitas canções autobiográficas de Raul Seixas. Coincidência? Não. A influência de Raul Seixas no trabalho de Marcelo Nova é muito grande. Tanto nas letras quanto nas músicas e no comportamento, Marcelo sempre resgata alguma coisa do Raul.

Encerrando sua apresentação e a festa da Transamérica, Marcelo Nova foi buscar no repertório do Camisa de Vênus, uma de suas melhores letras: *O Adventista*, que novamente empolgou o público, principalmente quando seu refrão "romântico-meio-pessimista" era bradado por Marcelo: "não vai haver amor nesse mundo, nunca mais". Marcelo Nova deu boa noite e saiu do palco, levando o Envergadura Moral junto. Depois, um representante da Transamérica foi ao microfone agradecer a presença do público e avisar: "A Transamérica já está no ar". E com certeza ela veio trazer de volta aquele velho padrão, que duas ou três FMs de Florianópolis já esqueceram.

Alexandre Gonçalves

# Universidade agora tem seu programa

— A Rádio noventa e seis ponto nove apresenta...

— Universidade Aberta.

— Uma extensão da Universidade Federal de Santa Catarina até você através do rádio!

Todos os dias, às cinco para às sete da manhã, os locutores Sara e Walfried repetem estas palavras para os ouvintes da Rádio União FM. É o programa *Universidade Aberta* que está começando, mas para a equipe que o produziu, este é apenas o último passo de um processo iniciado no dia anterior.

*Universidade Aberta* entra no ar no dia 30 de setembro. O programa é produzido por estudantes do Curso de Jornalismo, tem quinze minutos de duração, e vai ao ar de segunda a sexta-feira. Seu objetivo é divulgar o que está acontecendo na UFSC e prestar serviços aos estudantes, professores e servidores.

O programa tem três partes. O primeiro bloco apresenta as notícias mais importantes do dia na UFSC. Desde a estreia, *Universidade Aberta* faz a cobertura de tudo o que acontece na UFSC, muitas ve-



Antonio Houaiss no nosso estúdio



Sara e Walfried mandando brasa

zes em primeira mão, como foi o caso da resolução do CEPE sobre calendário do segundo semestre.

O "Papo-cabeça", segunda parte do programa, traz a cada dia uma nova entrevista. Já foram entrevistados professores, pesquisadores e até visitantes da Universidade. Antônio Houaiss, filólogo e membro da Academia Brasileira de Letras ou os candidatos a reitor são exemplos disso.

**Sem patrocínio** — A parte final do programa apresenta as atividades do dia na universidade. É a "Agenda do Campus", que traz desde informações sobre palestras ou eventos culturais, até o cardápio do RU.

O programa é veiculado na Rádio União FM através de um convênio entre a emissora e a UFSC. A próxima etapa é conseguir um patrocinador, para cobrir as despesas de produção no Laboratório de Audio do Curso de Jornalismo e de veiculação. O gerente da rádio, Carlos Kunde, não considera difícil conseguir patrocinador, uma vez que o programa se destina a um público médio de 20 mil pessoas — a comunidade universitária — que representa quase dez por cento da população de Florianópolis.

Para obter as informações, os repórteres Laine Valgas, Marli Henicka, Sara Caprario, Silvia Pavesi e Walfried Wachholz, contam com o apoio do Departamento de Imprensa e Marketing da UFSC e de alunos do curso. A equipe é coordenada pelos professores Eduardo Meditsch e Valci Zuculoto.

Se você souber de alguma notícia, ou quiser divulgar as atividades do seu setor, entre em contato com a produção pelo fone 31-9529 entre duas e quatro da tarde.

## Cinema e suas trilhas fazem de Tela Sonora uma agradável e boa novidade em FM

A União Fm estreou na noite de quatro de novembro *Tela Sonora* que vai ao ar todas as segundas-feiras das 23:30 às 0:30h. As produtoras e apresentadoras Fernanda Lago, 25 anos, e Roberta Corrêa, 22, estudantes de Filosofia e História, respectivamente, dizem que a proposta é fazer "um programa que toca aquilo que você vê".

Neste horário alternativo, em que não há muito o que fazer na cidade, é possível ouvir comentários sobre cinema e uma pluralidade de estilos musicais, que sempre serão só trilhas cinematográficas. *Tela Sonora* traz informações bem quentes sobre cinema, é dividido em seis blocos e vai ter um deles com temas especiais. Os diretores David Lynch e Luc Besson são as atrações dos dois primeiros programas.

O programa cobre uma lacuna e desvenda e valoriza as trilhas sonoras do cinema que dão ritmo nas tramas e enriquecem qualquer imagem. Afinal, imagine o que seria de 007, o mais charmoso e sedutor espião da coroa britânica, sem sua música tema? Ou da futurista aventura policial *Blade Runner*, *O Caçador de Andróides* silenciado pelo abandono do compositor Vangelis?

Atento, o programa vai ter também o "forum do ouvinte", e se você tem sugestões, pedidos musicais, ou quiser dar sua opinião sobre os cinemas de Florianópolis, não perca a oportunidade. Cinema agora também se ouve.

Mais uma emissora de rádio veio a se somar à guerra pelo primeiro lugar das FMs em Florianópolis. A inauguração da Transamérica, que ocupa agora o espaço da Musical, desde 14 de setembro, trouxe um ar mais cosmopolita à cidade, já que a programação é toda feita em São Paulo e transmitida via satélite para Florianópolis.

A chegada da Transamérica inaugurou as rádio-novelas humorísticas, parodiando os romances globais. Com isso, a nova emissora faz com que as outras corram atrás deste filão: a audiência. A vítima na Transamérica é o *Dono do Mundo da Rede Globo*. A rádio resolveu chamá-la de *O Dono Imundo* e incorporou os mesmos personagens, só que parodiando. Os diálogos são muito criativos e as vozes dos atores são facilmente identificáveis, por serem caricaturais. É claro que quem não assiste a telenovela original não vai entender nada da novela da Transamérica. Às vezes nem é preciso. Num dos capítulos, o apresentador Sílvio Santos entra de graça no enredo com o locutor Lombardi e rouba o espaço destinado ao empresário Herculano Maciel, interpretado na Globo por Stênio Garcia. Dá para rir.

Uma outra qualidade indiscutível da Transamérica é o programa *Novas Tendências*, que vai ao ar todos os domingos às 17 horas. Não toca conjuntos ou cantores brasileiros e desde que foi lançado em 1984, pela então Rádio Estácio-FM, hoje Universidade-FM, Rio de Janeiro, já lançou quase 900 grupos internacionais. O programa é transmitido para 12 cidades entre

## Humor e inovação marcam a estreia da Transamérica



elas São Paulo, Rio, Porto Alegre, Maceió, Recife e Belém. O NT toca durante mais ou menos duas horas, músicas de um determinado grupo com entrevistas dos seus integrantes. Um dos primeiros, foi com o *Electronic*, formado pelo ex-guitarrista do *The Smiths*, Johnny Marr e pelo ex-vocalista do *New Order*, Barney Sumner. As perguntas feitas pelo entrevistador a Marr são traduzidas somente após a sua resposta, em ritmo tecnopop.

Como todas as outras rádios, a Transamérica tem os seus defeitos. Eleger 10 músicas para tocarem durante o dia todo, repetindo-as várias vezes. Quando não é Paula Abdul, cantando *Rush Rush*, deve ser o *Guns n' Roses* com *Don't Cry*. A rádio tem um programa, *Transa Três*, em que ela mesma sugere três músicas para que os ouvintes votem na melhor. A mais votada é veiculada depois. Não dá outra: se não é *Biquini Cavado* com *Zé Ninguém*, é *REM* com *Losing My Religion*.

O bom da Transamérica é que os seus locutores não soltam piadinhas durante a música. Há poucos comerciais, o que deve mudar em breve, quando a audiência da rádio aumentar. Um outro destaque é o *Boletim de Inutilidades Públicas*, onde campanhas como "não dê lugar aos idosos" ou "não use camisinhas" seguidas de argumentos, são o ponto alto do investimento da Transamérica em humor. Não deve tardar com que outras emissoras olhem com seriedade para o humorismo, deixando de lado piadinhas sem graça e comentários preconceituosos em cima de notas informativas.

Ana Cláudia Menezes

## Rita Lee serve comida requentada para 2 mil pessoas

Rita Lee fez dois shows no Centro Integrado de Cultura — no mês passado. Foram um sucesso. O teatro ficou lotado nas duas apresentações e *Bossa'n'Roll*, uma mistura de antigos hits da roqueira, interpretações de *Every Breath You Take* (Sting) e *The Fool on The Hill* (Beatles), com o toque bem definido dos violões acústicos do sobrinho da "tita", Alexandre Fontanetti. Rita Lee surpreendeu cantando no estilo "cool" da Bossa Nova, mas não venceu.

As mais de 2000 pessoas que presenciaram a nova fase da cantora, levemente inclinada para o intimismo, devem ter saído do show com a sensação de quem provou comida requentada. Pelos aplausos, estava boa. Rita Lee não mostrou nenhuma novidade e ainda levou uma holada. Cada ingresso custava Cr\$ 8 mil no dia da apresentação. A direção do CIC ainda colaborou abrindo as portas do teatro para ingressos extras, excedendo a capacidade permitida. Os corredores ficaram cheios.

Com um sorriso de uma orelha a outra, Rita Lee começou "Bossa'n'Roll" com *Doce Vampiro*. A sonoplastia de uma tempestade e um excelente trabalho de iluminação ajudaram a criar o clima adequado à música. O show ficou mais alegre com *Baila Comigo*, *Ado Meio Desligado*, *Mutante*, passou por *Alô! Alô! Marciano* até chegar em *Every Breath You Take*. Uma pausa para conversar com a platéia e então ela continua: *Desculpe o Auê*, *Menino Bonito*, *Ovelha Negra*, *The Fool on the Hill* e *Jardins da Babilônia*.

O show caminha para o final com *Shangrilá*, *Miss Brasil 2000*, *Virus do Amor*, *Corre Corre*, *Lança Perfume* e *Mania de Você*. Nas duas apresentações, ela retornou duas vezes ao palco. A primeira foi a pedido da platéia. A segunda, porque quis e porque alguém esqueceu de acender as luzes do teatro. Não dava para sair. Foram quase duas horas de show. Parte do tempo ela consumiu talando mal da *Farru do Boi*. E quase entrou numa fria por meter o bodequão num assunto que só conhecia de camarote. Seus comentários genéricos causaram um princípio de bate-boca, que ela própria contornou ao voltar a cantar.

**Domingo no parque** — Para quem tem 43 anos e uma carreira de sucesso, Rita Lee deve estar dando pulos de alegria com sua presumida virada artística. Presumida porque há mais fanfarronice do que realmente uma verdadeira mudança: ela variou um pouco a postura interpretativa, assumindo o ar e a voz peculiar à Bossa Nova, sem deixar de lado a irreverência. *Fafá de Belém*, *Angela Ro Ro*, *Luíza Erundina* e *Collor* são suas vítimas frequentes. As duas primeiras, ela faz questão de imitar com perfeição, na voz e no estilo.

Numa recente entrevista ao *Jornal Diário Catarinense*, Rita Lee disse que depois de 23 anos fazendo "rock pauleira" não aguentava mais a mesmice. Foram 13 anos de parceria com o marido Roberto de Carvalho, um período tão bom financeiramente quanto débil em termos musicais. O "rock pauleira" que ela se refere deve ser do tempo em que era mutante, na década de 70.

Depois disso, ela entrou no ritmo criativo do "Fantástico". Todo domingo tinha um rock balada, romântico e bem comportado, com letra fácil e de rápida absorção pelo público. No último disco que lançou, em 1989, a decadência parecia ser a maior virtude. Sorte nossa que a cantora resolveu dar um basta. "Quero saber o que estou fazendo neste planeta", diz Rita Lee ao DC. "Rock'n'Roll já não é novidade, é situação, não ofende mais".

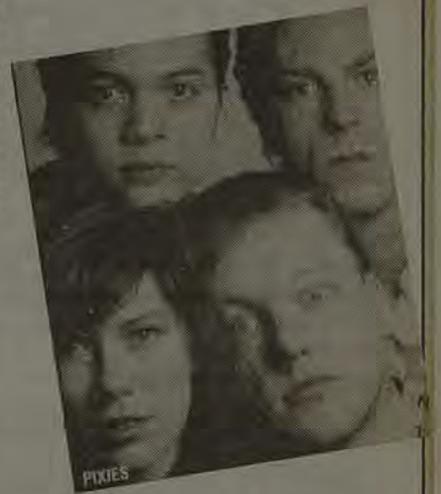
Para voltar os olhos para a Bossa Nova, ela deve ter lembrado da observação de João Gilberto, que um dia lhe disse: "hum... com essa voz, cantando rock...". Amparada pelo sobrinho Fontanetti, Rita Lee voltou ao palco com um banquinho e violão. Tudo é muito agradável e relaxante. "Bossa'n'Roll" parece um passeio no parque num domingo ensolarado. Bom para ela que o público é condescendente com seus velhos ídolos.

Nelson Lorenz



Black Francis: influenciado por Buñuel

Steve Double-Reina/Biz



da década.

O Pixies mostrou uma certa inconseqüência adolescente ao gravar a parte instrumental em duas semanas e as vozes em uma única noite. Mesmo assim, *Surfer Rosa* fez o que o punk rock deveria ter feito há 10 anos atrás; romper com a música pop.

Tendo na capa um macaco, o segundo álbum é o "*Doolittle*", de 1989. Ele é bem mais trabalhado e produzido. Duas músicas se destacam, "*Debase*" que foi inspirada no filme o "*Cão Andaluz*" de Buñuel, e "*Wave of mutilation*" com bons arranjos e de som mais rígido e agressivo.

Junto com o álbum foi lançado o compacto "*Monkey gone to heaven*". Esta música (... Got killed by ten million pounds of sludge/From New York to New Jersey...) é elétrica e desajustadamente pop.

De "*Doolittle*" entrou na parada de sucesso "*Here comes your man*". Mas este homem não é o gato esperado por uma garotinha apaixonada. Nesta música "man" traduz-se por traficante. Ela também é uma citação indireta da música de 1972, "*I'm waiting for the man*" de Lou Reed.

O terceiro álbum, ainda inédito no Brasil, é "*Bossanova*" que sintetiza os dois LPs anteriores. É tão paranóico como o primeiro e tão pop quanto o segundo. Ele tem músicas em espanhol, língua de uma subcultura para os americanos. São ótimas as faixas "*All over the world*" e "*Hang wire*".

As letras do Pixies são escritas com a razão, tendo cunho existencialista. Falam de coisas da carne, como o sangue, o suor, o esperma, a menstruação e as necessidades físicas básicas. Por exemplo, "*Cactus*" do primeiro LP diz: "Sinto falta do teu pão/Sinto falta da tua sopa.../Provar o teu vinho/Caso contrário vou morrer.../Corra no deserto até suar seu vestido/Então, tire-o e mande-o para mim.../Ensanguenar suas mãos num cacto/Esfregue no seu vestido e mande-o para mim".

Ivan dos Santos

# PIXIES

Com letras de temática existencialista seu primeiro álbum, *Surfer Rosa*, foi considerado como um dos melhores da década. Já *Bossanova*, o terceiro LP, é tão paranóico como o primeiro e tão pop quanto o segundo, *Doolittle*.

A cidade americana de Boston não ofereceu aos aficionados por música apenas o "Thrownig Muses", ou os milionários adolescentes "The New Kids on the Block", mas também uma banda considerada por três anos consecutivos como a melhor do mundo: "Pixies" (duendes).

Ela é formada pelo vocalista e guitarrista Black Francis que diz escrever influenciado pelo cinema surrealista, principalmente pelos filmes de Buñuel. Ele também é fã dos "Smiths" e gostaria de trabalhar com Morrissey. A baixista e por vezes vocalista é Kim Deal, ex-senhora John Murphy, que declara ser apaixonada pela poetisa, cantora junkie Patti Smith, e confessa sentir-se solitária. Ainda compõem a banda o skatista e baterista David Lovering, e o filipino Joey Santiago que toca a segunda guitarra.

Em 1987, eles apresentaram a Ivo, dono da gravadora independente 4AD, um *demo* (fita demonstração). Ele apaixonou-se pela música *Come on pilgrim* que se regravar, nem mixar lançou em EP — extend play. Apesar de mal produzido já revelava seu espírito atual, uma certa atração pelo grotesto. Por exemplo, na capa há um homem gordo de costas peludas.

Infelizmente ainda não são muito conhecidos no Brasil. E esta banda, que consegue juntar por show uma platéia de até 30 mil pessoas, lançou-se na Inglaterra e não no seu país.

O primeiro LP gravado também pela 4AD chegou no Brasil em 1989 com um ano de atraso. *Surfer Rosa*, com um surfista de seios nus na capa, foi considerado pelo tablóide inglês *Melody Maker* como um dos melhores discos

## BREGA

**Agora é chique?**  
**O que antes era considerado de mau gosto ganha espaço nas FMs e cativa a classe média com uma estética apelativa e "melosa"**



Leandro e Leonardo, com seu "new sertanejo", arrancam suspiros até da 1ª dama

A música brega invadiu o Brasil. E colocar canções recheadas de alegria, desejo, frustração e ambição no rádio e na TV, foi a arma usada pelos cantores do "movimento brega" para concretizar, em 86, com o sucesso dos compositores Sullivan e Massadas, a invasão iniciada na primeira metade dos anos 70, por gente como Odair José. O rock nacional e a MPB foram aniquilados, temporariamente. Há muito tempo que o brega vem tomando conta do mercado nacional de discos, alcançando cifras expressivas. Numa pesquisa feita em setembro do ano passado, pela revista *Veja*, de 15 milhões de discos vendidos, 7,3 milhões eram de cantores românticos e sertanejos, ou seja, cantores rotulados como bregas.

Luizinho Coruja Bizz

A origem deste rótulo está ligada "a mais antiga das profissões": no nordeste, brega é o nome dado aos bordéis de heira de estrada. Nesses bordéis, a música que tocava era a de cantores como Waldick Soriano, Odair José, Evaldo Braga, Sidney Magal, entre outros, que alegravam putas e clientes. Então, a ligação da música com o ambiente resultou no rótulo, que mais tarde receberia uma nova conotação-mau-gosto, música cafona.

Já que "era" (?) cafona, quem iria ouvir? O operário da fábrica, a faxineira, o servente de pedreiro, enfim, o "povão". Incluindo aí, a mais famosa e fiel fã da música brega: a empregada doméstica. Virou até chavão dizer que música brega é música de empregada. Mas hoje, a história é outra, e não é só a empregada que gosta do último sucesso do Wando ou do Chrystian e Ralf, por exemplo. A classe média e a "high-society" caíram de quatro para a música brega e passaram a comprar discos e prestigiar shows do gênero.

Principalmente de duplas sertanejas - uma modalidade rica do brega - que deixaram pra trás suas "origens caipiras" e incorporaram à suas canções o "romantismo melado", guitarras e sintetizadores, e ainda trocaram de roupa, aderindo ao modelo do cowboy texano. Tudo isso para conquistar o público das grandes cidades. E os primeiros conquistadores foram Chitãozinho e Xororó. Depois de frequentar o horário nobre da TV, a dupla que "encontrou um fio de cabelo no paletó", começou a lotar as mais requintadas casas de espetáculos do eixo Rio-São Paulo, como o Olympia e o Paladium, alcançando a classe alta - mesmo se a classe alta for a classe da Hebe.

No momento, a dupla sertaneja de maior sucesso vem de Goiás. Lá, Leandro e Leonardo plantaram muito tomate, mas agora só plantam sucessos, um atrás do outro (*Entre tapas e beijos*, *Pense em mim*, *Talisma*, *Cadê você*, *Desculpe, mas eu vou chorar*, e *Paz na Cama*), em todo o Brasil, consolidando o "crossover", fenômeno que ocorre quando alguma música, disco ou artista

atinge outro público além daquele já esperado ou conquistado. E foi isso o que aconteceu nas FMs. De repente, algumas rádios FM mudaram seu estilo fungindo um pouco do público alvo: os jovens. A Atlântida FM, de Florianópolis, foi uma dessas rádios. "Boa parte do nosso público começou a exigir um pouco de Leandro e Leonardo", explica Arthur Rocha, coordenador da rádio. "Então por que eu não vou tocar esse troço?" E depois das três minutos de Leandro e Leonardo na propaganda do Bombril, com a música *Pense em Mim*, o número de telefonemas para a rádio aumentaram e, segundo Arthur, "todo mundo pedia aquela música do Bombril". Isso mostra que, hoje em dia, uma canção precisa de um empurrãozinho da mídia para fazer sucesso. Por enquanto, na Atlântida FM, apenas duas músicas da dupla Leandro e Leonardo deverão permanecer na programação, já que "o resto é baixaria", define Arthur.

E não foi só a nova música sertaneja que começou a frequentar o FM. A música romântica ou o brega-chique também ocupou seu espaço. Primeiro com a ascensão de Michael Sullivan e Paulo Massadas, a dupla de compositores que desbancou Roberto e Erasmo Carlos. Sullivan e Massadas montaram um verdadeiro "exército", formado por novos artistas e por outros que mudaram de estilo quando caíram nas graças - ou nas garras - dos compositores. Rosana, Fafá de Belém, Alcione, Fagner, Joana e Sandra de Sá são alguns dos "soldados" que defederam Sullivan e Massadas com sucessos como *Retratos e Canções*, *O Amor e o Poder*, *Deslizes*, *Amãnhã Talvez*, entre tantos outros. Atualmente, a hegemonia de Sullivan e Massadas está sendo quebrada por compositores como Marcos e Paulo César Valle, autores de sucessos de artistas como Simone, Patrícia e principalmente José Augusto. Este último também compõe canções de forte apelo popular e ainda teve coragem de gravar uma versão em português de "London London", de Caetano Veloso, transformando-a em sucesso.

O grande sucesso da música brega, seja ela dos sertanejos ou dos "românticos", pode ser comparado, de acordo com André Midani, vice-presidente da gravadora Warner Bros., numa recente entrevista, ao sucesso de um político. Os dois, cantores bregas e políticos, estão interessados em tocar fundo no coração das pessoas, fazendo com que elas acreditem no que eles estão dizendo, fiquem emocionadas e sonhem com dias melhores. E quando os cantores conseguem seu objetivo, não há quem... "as luzes da cidade acesas"... resista... "pense em mim, chore por mim"... e não começa a cantar... "existem momentos na vida que lembramos até morrer"... os grandes sucessos da música brega.

**Alexandre Gonçalves**



Raquel Costa/Zero



**O Vôo Solitário entra em circuito e sai em vídeo**

O Vôo Solitário, um documentário dirigido e produzido por Everson "Chico" Faganello, entra em cartaz no cinema do CIC no dia 21 de novembro. O filme é um documentário dramatizado sobre a vida e a obra do entomólogo alemão Fritz Plaumann, radicado no Brasil há 60 anos e dono de uma das mais expressivas coleções de insetos do planeta. Narrado originalmente em alemão por um menino interessado no trabalho de entomólogo, O Vôo Solitário resgata imagens antigas de Santa Catarina intercalando-as com depoimentos do cientista e de pessoas que têm convivido com ele desde o início do século. A partir de dezembro, o filme será distribuído em larga escala no mercado de vídeo nacional, com um lote inicial de 500 fitas. Também a trilha sonora, de autoria de Priscilla Ermel e baizada de Campo de Sonhos, estará disponível no mercado, em vinil, CD e cassete. Decola o cinema catarinense.



Mônica Linhares/Zero



Christiane Miranda/Zero

O nú, a criança, o louco. O sol e o pé. São cinco flagrantes dessa arte ilimitada chamada fotografia. Com ousadia, serenidade, atentas, estas fotos concorreram no 4º Set Universitário perseguindo o inusitado, o não-visto ou ignorado. Revelam instantes que não exigem palavras.



Fotos: Marta Moritz Zero



## ENSAIO

Vamos aos fatos: esse ensaio é uma mentira. Elas foram arranjadas num espaço estético e fotografadas por Marta Moritz. O casual, a realidade virtual e a mentira.

Marta Moritz, 21 anos, fotografa há três e estuda Jornalismo. Essas fotos compõem o ensaio *Não posso estar mentindo*, em exposição no Armazém Vieira até 16 de novembro. Depois disso, as fotos vão a Joinville em dezembro e no ano que vem aterrisam no bar e galeria Hndrx de São Paulo. Não, isso não é uma mentira.



Deise Freitas Zero



# PRAZER E DOR COM MADONNA

Quando Na Cama com Madonna estreou, nós Estados Unidos, em maio, foi tão polemizado, que chegou a nós, brasileiros, "pasteurizado". Não há mais com o que se escandalizar neste filme, gravado durante a turnê Blond Ambition (ambição loira), que começou no Japão, sob um frio de congelar a bunda, e terminou na França de Chanel. São 116 minutos de clipes musicais coloridos e cenas em preto e branco, onde Madonna revela um pouco da sua privacidade. Por isso, foi malhado pelos puritanos. Pois, como diz Maria Aparecida Fachini, estudante de Ciência Sociais. "Ela (Madonna) pode ser pornô quando traz do privado para o público alguns signos e cenas do nosso imaginário".

Madonna Louise Veronica Ciccone nasceu católica, no dia 16 de agosto de 1958, em Bay City, Michigan. Órfã de mãe aos cinco anos;



Photo

creceu em Detroit, ajudando a criar seis irmãos menores. Nesta época já tocava piano, compunha e cantava no coro da igreja. Formou-se em balé e dança pela Universidade de Michigan, e aprendeu violão, teclados e bateria.

A ascensão ao megastrelato do mundo dos espetáculos começou quando o empresário Mark Jamin, da Sire Records, a ouviu cantando Everybody numa fita cassete. Como atriz, é elogiada até pelos críticos mais carrancudos e como cantora, ganha milhões de dólares, e faz a canção Sooner or Later, de Dick Tracy, ganhar um Oscar. E como estrela dá o que falar. O seu clip Justify my Love foi proibido pela MTV por cenas de homossexualismo, sadomasoquismo e sexo grupal. Mas os escândalos não abalam de forma alguma a sua carreira.

Madonna provoca uma revolução de costumes, propõe uma fusão do masculino e do feminino, uma troca de gênero e de papéis. Assim, "agrada algumas pessoas, como determinada dona de casa, que revelou ter ficado enojada ao estar Na Cama com Madonna. Isto é um "sintoma das contradições mal resolvidas entre as diversas moralidades que coexistem na cultura sexual brasileira", explica o antropólogo americano, Richard Parker. Afinal, na terra da sacanagem as coisas devem acontecer debaixo dos panos; mas se não houver transgressões, não existe prazer.

Em Na Cama..., Madonna demonstra seu instinto maternal em relação ao pessoal com quem trabalha; dá ordens, parecendo cuidar de todos

os detalhes dos shows e reza. Relembra sua mãe; canta Parabéns para o pai na frente de 20 mil pessoas; e também fala da heroína de sua infância, Maurine MacFarland, com quem teve suas primeiras revelações sexuais. Apóia seus dançarinos, que participam da Marcha pelo Orgulho (de ser) Gay; e dedica o show de Nova York, cuja renda foi revertida em benefício dos aidéticos, à memória do amigo Keith Haring.

A cantora Sandra Bernhard, com quem, segundo rumores não negados, já teve um caso, ela diz que ficou gamada dois anos pelo espanhol Antonio Banderas, o ator preferido do diretor Pedro Almodóvar.

Num jogo semelhante ao nosso "jogo da verdade"; mas, no qual se pode escolher entre falar a verdade, ou fazer sacanagem, ela confessa que o grande amor de sua vida foi Sean Penn, o ator a la James Dean da geração brat pack. Em outro momento do jogo, prefere fazer sacanagem, e simula uma felação numa garrafa de água mineral.

Quanto ao incidente da visita do "intocável" Kevin Costner ao camarim de Madonna, não havia razão para tantos comentários. Tudo foi apenas uma "brincadeira" da garota sapeca.

Em Toronto, Blond Ambition foi classificado pela polícia canadense de "show imoral ao vivo". O motivo era que, outra vez Madonna simulava uma masturbação no palco. Na Itália, onde o show foi mal visto pelo Vaticano, ela declarou, "Meu show não é um show de rock comum, e sim uma apresentação teatral da mi-

nhá música. E sendo teatro, faz perguntas, faz pensar, e te leva numa viagem emocional que retrata bem e mal, claro e escuro, prazer e dor, redenção e salvação. Não imponho um modo de vida. Só descrevo um. Cabe à plateia tomar suas decisões e julgar".

O ritmo frenético do clip Like a Virgin, em que Madonna, deitada numa cama, acaricia-se, gemendo, é o ritmo de Na Cama..., no qual sua sensual performance andrógina seduz a todos. "A androginia ou ambigüidade de Madonna coloca em cheque nossas posições e desejos sexuais, pois seduzidos, não temos certeza por quem", escreve Maria Aparecida no seu ensaio sobre a estrela.

As pessoas querem dançar e escutar coisas agradáveis, como: que seria legal tirar uma folga e celebrar, pelo menos, um dia de suas vidas, unindo todas as nações; ou, que o mais importante é não duvidarem de si próprios. Isto as pessoas encontram neste filme. Bem, as letras das músicas podem não ser eruditas; mas quem disse que é só o erudito que agrada?

Madonna percebe que como megastrela tem o poder de influenciar pessoas, por isso, sente-se na missão de educá-las e diz: "Não quero ser a melhor cantora ou bailarina do mundo. Eu quero apertar os botões das pessoas, quero ser provocativa, quero ser política".

A direção de Na Cama... é do estreante Alek Keshishian, formado em Harvard com uma tese sobre Madonna, que usou 22 câmaras de 35 milímetros para as cenas do concerto e duas de 16 para os bastidores. A produção Jay Roewe e Tim Clawson. A edição bem costurada de Barry Alexander Brown faz o filme fluir muito bem.

A letra de Keep it Together diz que todos têm que ficar sempre unidos, enquanto o pessoal que participou da turnê troca beijos e abraços. Em slow, o chapéu côco de Madonna cai no chão, remetendo à imagem de uma toalha largada num ringue de box. E toda a sua equipe acaba, Na Cama com Madonna, onde trocam "boa-noite" entre si, lembrando o antigo seriado de A Família Walton.

Ivan dos Santos